



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

RAISSA MARIA PEREIRA DE SOUSA

**PALAVRÕES E PALAVRAS OFENSIVAS EM CONTEXTO FUTEBOLÍSTICO:
A ATITUDE LINGUÍSTICA DE INTERNAUTAS DO TWITTER**

**CAMPINA GRANDE
2022**

RAISSA MARIA PEREIRA DE SOUSA

**PALAVRÕES E PALAVRAS OFENSIVAS EM CONTEXTO FUTEBOLÍSTICO:
A ATITUDE LINGUÍSTICA DE INTERNAUTAS DO TWITTER**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Departamento do Curso Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Sociolinguística.

Orientador: Prof. Me. André Luiz Souza da Silva

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725p Sousa, Raissa Maria Pereira de.
Palavrões e palavras ofensivas em contexto futebolístico
[manuscrito] : a atitude linguística de internautas do *Twitter* /
Raissa Maria Pereira de Sousa. - 2022.
66 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2022.

"Orientação : Prof. Me. André Luiz Souza da Silva ,
Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

1. Sociolinguística. 2. Atitude linguística. 3. Palavrão. 4.
Futebol. I. Título

21. ed. CDD 410

RAISSA MARIA PEREIRA DE SOUSA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM CONTEXTO FUTEBOLÍSTICO:
A ATITUDE LINGUÍSTICA DE INTERNAUTAS DO TWITTER**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Departamento do Curso Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Sociolinguística.

Aprovada em: 31 de março de 2022.

BANCA EXAMINADORA

André Luiz Souza da Silva

Prof. Me. André Luiz Souza da Silva - Orientador
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Mikaylson Rocha da Silva

Prof. Dr. Mikaylson Rocha da Silva - Examinador externo
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Clara Regina Rodrigues de Souza

Profa. Ma. Clara Regina Rodrigues de Souza - Examinadora interna
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

As minhas duas filhas, que são a minha
fortaleza nos dias mais difíceis. DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida.

Agradeço aos meus pais, Maria das Neves e Francisco Martins, pois, desde sempre, fizeram o possível para que eu tivesse a oportunidade de me dedicar aos estudos, incentivando-me e acreditando na minha capacidade.

Ao Prof. Me. André Luiz, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação, sempre muito solícito e atendendo às dúvidas. Serei eternamente grata.

A todos os professores que me ensinaram na graduação, pois trouxeram experiências relevantes e aprendi uma forma diferente de enxergar o ato de lecionar.

Agradeço à minha família, ao meu esposo, Flauber Brito, que sempre me encorajou a realizar o trabalho de conclusão de curso, apoiando-me. E à minha filha, razão da minha vida, Lina Maria, a qual é o motivo de toda minha dedicação.

Às minhas colegas de classe da graduação, que se tornaram amigas da vida, Marcelle, Gislaine e Aline, que foram companheiras nos bons e maus momentos, sempre presentes.

Agradeço aos informantes que colaboraram com as respostas ao questionário, pois a partir deles consegui dados para dar prosseguimento à análise.

Também deixo um agradecimento especial aos meus amigos Caio, Bárbara, Luyse e Roxana, por serem cruciais nesta caminhada.

Por fim, agradeço especialmente aos professores da banca, Clara Regina Rodrigues de Souza e Mikaylson Rocha da Silva, pelo tempo dedicado à leitura do texto.

“Tudo é válido na língua, desde que se logre comunicar-se”.
Evanildo Bechara

RESUMO

Raissa Maria Pereira de Sousa¹

O ato linguístico de xingar está presente na cultura do ser humano e Swingler (2016) indica que desde criança aprendemos a usar palavrões e/ou palavras ofensivas. No âmbito futebolístico, presenciamos diversas formas de xingamento, dentro e fora dos campos de futebol, adentrando, inclusive, às redes sociais digitais. O presente trabalho analisa a manifestação de atitudes linguísticas de torcedores-internautas da rede *Twitter* em relação aos palavrões e às palavras ofensivas em contexto futebolístico. Para tanto, partimos de uma metodologia, predominantemente, qualitativa, com a finalidade de compreender o que induz a utilização de expressões pejorativas por parte de torcedores, concentrados no *Twitter*, durante jogos de futebol. Nesse intento, selecionamos expressões recorrentes no contexto supracitado, a partir do estudo de autores como Queiroz (2005), Swingler (2016) e Souza-Silva, Dias e Bezerra (2021), lançando mão de um questionário composto por perguntas objetivas e subjetivas. Como aportes teóricos, dialogamos com Preti (1984), Labov (2008), Hora (2011), Kaufmann (2011), Veloso (2014), Swingler (2016), entre outros, com foco em conceitos da Sociolinguística, num diálogo entre a perspectiva variacionista e interacionista, bem como de aportes que possibilitem a compreensão sobre o fenômeno dos xingamentos e a linguagem em contexto futebolístico. Por fim, relacionamos as atitudes linguísticas da comunidade virtual *Twitter*. Analisamos os recursos linguísticos presentes em 8 *tweets* de torcedores que comentam partidas de futebol na rede social em questão.

Palavras-chave: Sociolinguística. Atitude linguística. Palavrão. Futebol.

¹ Graduanda do curso de Letras – Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail institucional: Raissa.pereira@aluno.uepb.edu.br

ABSTRACT

The linguistic act of swearing is part of human kind culture, (and) studies prove that since childhood we learn to “curse” or use offensive words. When it comes to football, we can observe diferente ways of swearing, whether in or out of the field, including, afterwards, in the digital social media. This work analyses the linguistic manifiastation of netizens-fans from twitter regarding to the use of offensive swearing in a football context. Therefore, we start from a methodology, prodominantly, qualitative, with the objetive of understanding what leds the use of pejorative expressions by the netizens-fans from twitter, during football games. Through this intent, we have selected recurring expressions in the mentioned context, supported on the studies based on the authors like Queiroz (2005), Swingler (2016) e Souza e Silva (2021) making use of a questionnaire made with objective and subjective questions. As theoretical contributions, we dialogue with Preti (1984), Labov (2008), Hora (2011), Kaufmann (2011), Veloso (2014), Swingler (2016), among others, focusing on concepts of Sociolinguistics, regarding the variationist and interactionist perspectives, as well as contributions that enable the understanding of the phenomenon of swearing and language in a football context. Finally, we relate the linguistic attitudes of the Twitter virtual community. Analyzing the linguistic resources present in 8 tweets from fans who comment on football matches regarding to the social network previously mentioned.

Keywords: Sociolinguistics. Linguistic attitude. Swearing. Football.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - NOTÍCIA DO JORNAL HOJE SOBRE O CASO DE RACISMO	26
FIGURA 2 - ANDERSON DARONCO INTERROMPE PARTIDA ENTRE VASCO X SPFC.....	27
FIGURA 3 - DIMENSÕES DAS ATITUDES LINGUÍSTICAS PROPOSTAS POR LAMBERT (1967)	31
FIGURA 4 - PRINTSCREEN DA POSTAGEM DO ITEM <i>FILHO DA PUTA</i>	40
FIGURA 5 - PRINTSCREEN DA POSTAGEM DO ITEM <i>CARALHO</i>	41
FIGURA 6 - PRINTSCREEN DA POSTAGEM DOS ITENS <i>CARALHO</i> E <i>CORNO</i> . ..	42
FIGURA 7 - PRINTSCREEN DA POSTAGEM DO ITEM <i>CARALHO</i> E <i>CACETE</i>	44
FIGURA 8 - PRINTSCREEN DA POSTAGEM DO ITEM <i>VIADO</i>	44
FIGURA 9 - PRINTSCREEN DA POSTAGEM DO ITEM <i>BICHA</i>	45
FIGURA 10- PRINTSCREEN DA POSTAGEM DO ITEM <i>PORRA</i>	46
FIGURA 11 - PRINTSCREEN DA POSTAGEM DO ITEM <i>PORRA</i>	47

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 DIÁLOGOS SOCIOLINGUÍSTICOS E O ATO DE XINGAR	16
2.1 Uma linguagem proibida: o uso de palavrões e palavras ofensivas.....	22
3 ANCORANDO AS ATITUDES LINGUÍSTICAS	29
3.1 Percepção de variantes estigmatizadas.....	33
4 TRAJETO METODOLÓGICO	37
4.1 Perfil dos informantes.....	38
4.2 <i>Locus</i> de coleta.....	38
4.3 Instrumento de coleta.....	39
5 ANÁLISE DOS TWEETS: USO E ATITUDES LINGUÍSTICAS	40
5.1 Frequência de uso de xingamentos.....	47
5.2 Análise das atitudes dos internautas-torcedores.....	52
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	59
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO GOOGLE FORMS	62
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE	68

1 INTRODUÇÃO

Em nosso dia a dia são corriqueiras as vezes em que nos deparamos com expressões de xingamento, seja no convívio em casa, trabalho, faculdade e escola ou até mesmo com um desconhecido, na rua ou no trânsito. O xingamento está presente na vida do ser humano desde a primeira infância, conforme Swingler ressalta “o uso de palavrões é algo universal: "o mundo inteiro diz palavrão – homens, mulheres, velhos, moços, crianças, ricos, pobres, em russo, em chinês, em croata, em todos os idiomas", conforme indica Souto Maior (2010, p. 13 *apud* SWINGLER, 2016, p. 15).

É sabido que há várias formas de xingar, existindo os xingamentos de teor machista, racista, sexista, homofóbico, etc. Dentre um dos xingamentos mais presentes na cultura brasileira são os que envolvem o contexto homofóbico, sendo *viado* muito utilizado no Brasil para insultar a vítima, identificando-a como homossexual masculino, em uma espécie de controle da sexualidade, inferiorizando o outro, colocando-o em uma posição subalterna e inferior ao agressor.

No âmbito futebolístico não é diferente, tendo em vista os múltiplos acontecimentos que se tornaram de conhecimento popular quando algum atleta do futebol sofre um xingamento racista, por exemplo, por meio do uso do termo *macaco*, e chega a ser atingido com uma banana, conforme ocorrido com o jogador baiano, Daniel Alves, em uma partida do campeonato espanhol, em 2014, e teve repercussão mundial. Também há o caso do jogador Aranha, então goleiro do Santos Futebol Clube (SFC), que foi alvo de xingamentos racistas em 2014, durante uma partida contra o Grêmio, em que foi chamado de *macaco* pela torcida adversária por causa da sua cor de pele².

Esses são acontecimentos pertinentes, inclusive entre os próprios jogadores dentro de campo, como aconteceu na partida entre Flamengo x Bahia, em 2020, em que o jogador Gerson afirmou ter sido alvo de racismo por parte do atleta do time adversário, com isso, observa-se que é um ato comum entre os sujeitos independentemente da posição desses sujeitos nessa comunidade de prática. Outrossim, são os casos em que jogadores são chamados de *bicha* ou *viado* quando não agradam os torcedores, habitualmente, conforme aponta (ZANELLO, *et al.* 2011,

² Como se jogar mal, perder o gol, deixar a bola passar pudessem justificar agressões de qualquer tipo, tanto dos torcedores para com os jogadores quanto entre os próprios torcedores.

p. 152), desse modo, “o xingar é um ato de fala realizado quando se proferem certos vocábulos com a intenção de ofender (ou causar ofensa em) outra pessoa”.

Exposto isso, justificamos tal investigação levando em consideração que o campo da Sociolinguística estuda as relações entre língua e sociedade, e essa pesquisa pode contribuir de forma significativa, pois vai analisamos as variações e as atitudes linguísticas de uma comunidade de prática específica no que se refere ao uso de palavras ofensivas e palavrões durante jogos de futebol.

Para além disso, nosso estudo visa contribuir social e pedagogicamente, pois por meio dele podemos explicar para a sociedade o que está implícito no discurso de alguns torcedores, a fim de que passem a analisar essas expressões de forma mais crítica. Pedagogicamente falando, é uma temática relevante visto que muitos alunos gostam de futebol ou convivem com alguém que acompanha, pode-se abordar as variações linguísticas presentes nesse campo, bem como a interpretação das atitudes linguísticas dos torcedores informantes.

Portanto, tendo como cenário os acontecimentos citados anteriormente, bem como o comportamento linguístico que existe e persiste na área do futebol e, tendo em vista que o campo da Sociolinguística estuda a relação entre língua e sociedade, a escolha do tema também se deu pela análise da atitude linguística presente entre os torcedores. Então, conforme aponta Lima (2018) a Sociolinguística “[...] possibilita uma investigação mais profunda destas dimensões sociais das atitudes linguísticas, contribuindo para um melhor entendimento das variedades linguísticas e do comportamento social frente a estas variedades” (2018. p. 99).

Dada a importância desse contexto, nossas perguntas de pesquisa são: 1) como internautas e torcedores de futebol se manifestam em atitudes linguísticas? E 2) quais os xingamentos mais produzidos e percebidos por internautas, durante jogos de futebol?

Nosso objetivo geral é analisar a manifestação de atitudes linguísticas de torcedores-internautas da rede social Twitter em relação à palavrões e palavras ofensivas em um contexto futebolístico. Para tanto, nossos objetivos específicos são: 1) analisar a variação e as atitudes linguísticas de uma comunidade de prática específica (torcedores de futebol); 2) compreender o que induz a utilização de expressões pejorativas por parte dos torcedores, concentrados no Twitter, durante jogos de futebol; 3) refletir sobre o impacto negativo das expressões utilizadas por torcedores durante partidas de futebol.

Para coletar os dados a serem analisados, escolhemos a rede social *Twitter*, visto que se trata de uma comunidade virtual que permite que os internautas se comuniquem em tempo real, através das *hashtags*, discutindo cada lance de uma partida de futebol.

Diante do exposto, compreendemos que o contexto do futebol é demasiadamente heteronormativo e marcadamente machista, assim, na análise identificamos como os xingamentos mais presentes revelam teor sexista e homofóbico, demonstrando atitudes linguísticas positivas em relação ao uso de palavras como *cacete*, *porra* e *caralho* para descarregar emoções ou ser bem avaliado no contexto da comunidade de prática dos torcedores, e atitudes negativas a termos como *bicha*, *macaco*, e *viado*, pois apresentam teor ofensivo, mas ainda se identifica o uso de itens linguísticos como *bambi*, corno, e fresco no contexto futebolístico.

A pesquisa do presente trabalho se faz de uma metodologia, predominantemente qualitativa de caráter interpretativista. As abordagens para a pesquisa foram realizadas na rede social *Twitter*, em que buscamos torcedores que comentam jogos em tempo real, através de *hashtags* e páginas específicas direcionadas ao tema “futebol”. Partimos da aplicação de um questionário da Plataforma *Forms*, no Google, em que observamos e descrevemos as respostas dos internautas; fazemos uma comparação com estudos já existentes; assim, observamos de que modo e o motivo de ocorrerem.

Diante disso, é válido indicar que esta monografia se estrutura em capítulos. Após essa introdução, temos os capítulos 2 e 3 relacionados a teoria, cada um com uma subseção. No capítulo 2, traçamos definições sobre a Sociolinguística e seus domínios, neste capítulo também abordamos o que o campo da Sociolinguística estuda. Em seguida, no capítulo 3, adentramos às definições acerca das atitudes linguísticas e seus domínios, apresentando os seus conceitos e teóricos relevantes, assim como tratamos das atitudes presentes no cenário futebolístico, a fim de discorrer sobre as atitudes mais recorrentes. No capítulo 4 explicamos o trajeto metodológico utilizado nesta pesquisa. Por conseguinte, no capítulo 5, realizamos as análises do questionário, que foi dividido em três partes: análise dos *tweets*³, análise

³ *Tweet* é o nome utilizado para designar as publicações feitas na rede social do *Twitter*. *Retweet* é a republicação de um *Tweet*. Com a função *Retweet* do *Twitter*, você e outras pessoas podem compartilhar esse *Tweet* rapidamente com todos os seus seguidores. Fonte: definições do Google.

das perguntas objetivas, avaliando a frequência do xingamento, e finalizamos com a análise das questões discursivas, por fim, apresentamos as considerações finais, seguida das referências que ancoram nossa pesquisa.

2 DIÁLOGOS SOCIOLINGUÍSTICOS E O ATO DE XINGAR

Um dos principais traços dos seres humanos é a comunicação por meio da fala. Enquanto falantes, apresentamos, em nosso modo de falar, características condicionadas por diferentes fatores: idade, condição socioeconômica, origem geográfica, dentre outros. A partir dos pressupostos teóricos em relação às correntes formalistas, de acordo com as teorias de Saussure e Chomsky, é visto que se postula que a língua possui estrutura homogênea, conforme apontam as teorias estruturalista e gerativista.

No entanto, a Sociolinguística se ergue como uma vertente da linguística, e se opõe à linguística formalista quando defende que a língua é heterogênea, destacando que existem variações linguísticas que devem ser consideradas dentro de uma comunidade de fala⁴, e cada comunidade possui suas peculiaridades, é nesse panorama que a Sociolinguística se assegura, pois, a variação e a mudança são inerentes à língua. E, conforme afirma Veloso (2014), a Sociolinguística contribuiu de forma significativa para romper com um ideal de homogeneidade linguística que as teorias formalistas apoiavam, ao introduzir a concepção de variabilidade linguística, bem como, o próprio Labov (2008) declara que o termo Sociolinguística significa que não pode haver uma teoria ou prática linguística bem sucedida que não seja social:

Por vários anos, resisti ao termo sociolinguística, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social [...] Apesar de um considerável volume de atividade sociolinguística, uma linguística socialmente realista parecia uma perspectiva remota nos anos de 1960 (LABOV, 2008, p. 13)

A partir do exposto, Bortoni-Ricardo (2014) destaca que vários linguistas já desenvolviam trabalhos com teorias de natureza Sociolinguística, como é o caso de Meillet e Bakhtin. No entanto, apenas em meados de 1960 surgiu o conceito concreto da Sociolinguística, posto que foi o ano em que os estudos ganharam relevância, após um congresso fundado por William Bright, linguista norte-americano, a fim de abordar assuntos referentes à língua e sociedade. Outra

⁴ “A comunidade de fala é definida geograficamente ou por população” (SOUZA; LOPES, 2020, p. 215).

referência imprescindível também é o americano William Labov, posto que foi um dos nomes que impulsionou as pesquisas da área.

Para tanto, qual seria a definição concreta da Sociolinguística? Consoante Cezario e Votre (2010), o campo da Sociolinguística é responsável por analisar o uso real da língua em seu dia a dia, relacionando a estrutura linguística com os aspectos sociais existentes, da mesma forma concorda Kaufmann (2011), acrescentado que a área da Sociolinguística analisa o comportamento linguístico a partir de um ponto de vista sociológico, não obstante, levando em consideração características como sexo, idade, classe social para explicar o comportamento linguístico de um falante. Do ponto de vista desses teóricos, compreende-se que a Sociolinguística é a área que estuda as relações entre língua e sociedade de acordo com características sociais, tendo em vista que essas variantes sociais e culturais são imprescindíveis no tocante ao uso linguístico. Para essa afirmação, concordamos com um apontamento de Coelho *et al.* (2012, p. 22), alegando que cada falante domina uma forma diferente de se comunicar:

Não existe uma comunidade de fala homogênea, nem um falante-ouvinte ideal. Pelo contrário, a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala é um fato comprovado. Existe variação inerente à comunidade de fala – não há dois falantes que se expressam do mesmo modo, nem mesmo um falante que se expresse da mesma maneira em diferentes situações de comunicação.

Para Cezario e Votre (2010, p. 149), em relação aos aspectos teórico-metodológicos da Sociolinguística, afirmam que: “o objeto de estudo normalmente se localiza a língua falada em situações naturais, espontâneas, em que supostamente o falante se preocupa mais com o que dizer do que com o como dizer”. Portanto, compreende-se que o objeto de estudo principal da Sociolinguística é o uso linguístico, ou seja, a língua falada de uma comunidade de fala em situações cotidianas, levando em consideração as variáveis que influenciam os falantes de uma comunidade, em contraposição a uma visão formalista. A Sociolinguística é a área responsável por analisar a linguagem em uso real, essa é uma premissa unânime entre os estudiosos da área, compreendendo que “a linguagem é vista como um instrumento de comunicação heterogêneo e variável, devendo ser analisada dentro de contextos sociais” (SWINGLER, 2016, p. 34).

Em relação as comunidades de fala, cada região tem sua forma de falar, de se comunicar, bem como existem os estudos que apontam para as classificações

das variantes linguísticas. Dito isso, Cezario e Votre (2010, p. 144) mostram que existem três tipos básicos de variação: a **regional**, a **social** e a de **registro**. A variação regional concerne à distância espacial e variável geográfica entre as cidades, estados e países; já a variação social está relacionada à desigualdade social dos grupos socioeconômicos, considerando variáveis como idade, grau de escolaridade, etc. Por fim, no que se refere à variação de registro, tem como variantes o grau de formalidade do contexto interacional e do meio usado para manter a comunicação, a exemplo da fala, o e-mail, o jornal, a carta, dentre outros. Os autores ainda exprimem que essas variações não são autônomas e possuem interferência das demais, vejamos a seguir:

Entretanto, o que ocorre normalmente nas línguas é uma interação mais ou menos estreita entre as diferentes variáveis. Assim, uma inovação linguística começa numa determinada região (variável regional), mas é própria de um grupo socioeconômico desfavorecido (variável social). A variante pode passar a ser usada pelo grupo socioeconômico mais alto nos momentos mais informais (a variável é, então, o registro).

Portanto, conforme apontam os autores, os grupos socioeconômicos podem falar de diversas formas diferentes, a depender do contexto que estão inseridos. Os dialetos regionais influenciam na linguagem, assim como variantes como o grau de escolaridade faz com que o falante seja mais coloquial em algumas situações de fala. Posto isso, podemos destacar três abordagens que servem de escopo para a análise da Sociolinguística, conforme aponta Swingler (2016, p. 34), são elas: Sociolinguística Variacionista, a Sociolinguística Interacional, e a Etnografia da Comunicação.

Tendo em vista que as abordagens Variacionista e Interacional são as opções de teorias que mais dialogam com a temática da presente pesquisa, aprofundaremos a discussão dialogando com as ideias dos dois campos, começando pela interacional e adentrando à variacionista.

A Sociolinguística Interacional é uma direção dos estudos referentes à Sociolinguística, nesse contexto, a investigação se dá para analisar o uso da linguagem e o contexto de interação que se passa durante uma conversa. De acordo com Swingler (2016, p. 34), “observa-se como o indivíduo reage às situações de interação face a face dentro de um determinado ambiente social”. Nesse intento, é importante salientar que apesar da presente pesquisa não se dá no contexto face a face, a abordagem interacional é importante, pois avalia a interação humana,

ressaltando que a análise interacional considera elementos não verbais em uma situação de conversa, em que se pode considerar emojis utilizados, gestos durante os jogos, etc.

O falante se adequa a situações de fala de acordo com o local que está exposto, por exemplo, no trabalho apresenta uma postura mais formal, com amigos, demasiadamente, coloquial, por essa lógica, Leite (2011) indica dois conceitos que foram avançados por Goffman e desenvolvidos em pesquisas no campo da Sociolinguística, são eles: *frames* e *footing*.

Conforme aponta Leite (2011), o conceito de *frames* foi desenvolvido para designar o quadro do qual os participantes de uma interação face a face fazem parte em uma atividade de fala, e o termo *footing* (teoria do alinhamento) é definido como o papel ou a postura adotada pelos participantes da interação, ou seja, o alinhamento ocorre cada vez que o falante precisa se adequar a um contexto de fala, “assim, ele assume uma postura no trabalho, outras em casa e outras no clube, com os amigos, de acordo como os vários enquadramentos possíveis nos processos interacionais” (LEITE, 2011, p. 41). Também, no que se refere o conceito de *footing*, Bortoni-Ricardo (2014) afirma que é uma mudança em nosso enquadre de eventos; ou uma mudança no alinhamento que assumimos para nós e para outras pessoas.

Diante do que foi posto, compreende-se que a Sociolinguística Interacional é uma vertente da Sociolinguística, e foi a corrente avançada mais tardiamente, após estudos da Sociolinguística Variacionista e a Etnografia da comunicação. Essa teoria concretiza que é relevante levar em consideração o contexto situacional ao qual um diálogo foi exposto, inclusive os elementos não verbais em uma conversa, bem como a relação entre os interlocutores, os assuntos, e todos os fatores de interação dentro do âmbito da conversação, conforme aponta Bortoni-Ricardo sobre essa vertente da Sociolinguística (2014, p. 148):

A teoria da sociolinguística interacional procura dar conta das normas que presidem ao processo interacional, demonstrando que qualquer conversa que ocorre efetivamente na interação humana não se constitui de frases desconexas - pelo contrário, obedece a princípios de coerência interna.

Mediante o exposto, abordaremos as três ondas da Sociolinguística de cunho variacionista, com embasamento em Veloso (2014), a fim de explanar o que significa e as suas relevâncias teóricas para a Sociolinguística. A autora indica, a partir das

proposições da linguista estadunidense Penélope Eckert, que os estudos variacionistas possam ser divididos em três ondas.

Veloso (2014) expõe que a perspectiva da *primeira onda* se originou com o estudo de Labov quanto ao inglês da cidade de New York, a respeito da estratificação social do /r/ em posição pós vocálica, em sua coleta de dados ele identificou que em lojas de departamento com maior status marcam o /r/ diferentemente das lojas com menor *status*. Também no que se refere aos estudos da primeira onda, Souza e Lopes (2020, p. 212) afirmam que “estabeleceu uma base sólida para o estudo da variação, evidenciando as correlações entre variáveis linguísticas e categorias sociais primárias, como classe socioeconômica, sexo, idade, escolaridade etc.”

Na abordagem da *segunda onda*, Veloso (2014, p. 1743) esclarece que os estudos apresentam abordagem etnográfica e estão focados também nas comunidades de fala, e aponta que “os estudos etnográficos trouxeram-nos uma visão mais clara de como as formas de falar estão imbuídas de significado local”. É importante destacar que a primeira onda focava em comunidades de falas maiores, e a segunda onda em comunidades de fala menores. Na direção da segunda onda, o foco de estudo de Labov foi na ilha de Martha’s Vineyard (1963), em que se analisou a questão da identidade dos habitantes da ilha, em que através da variação fonológica na comunicação era evidente que pertenciam àquele determinado local.

A terceira onda, que foi desenvolvida mais recentemente, apresenta uma vertente diferente das duas primeiras, pois o foco principal é a comunidade de prática. Para definir uma comunidade de prática, Souza e Lopes (2020, p. 215) declaram:

Uma comunidade de prática é um agregado de pessoas que se juntam para engajar-se em algum empreendimento comum. Na esteira desse engajamento, a comunidade de prática desenvolve meios para fazer coisas que se traduzem em práticas e essas práticas envolvem a construção de uma orientação compartilhada em relação ao mundo em volta uma definição tácita que os indivíduos assumem um em relação ao outro e em relação a outras comunidades de prática.

Na perspectiva da *terceira onda*, o objetivo é analisar os padrões de variação que são presentes nos indivíduos que compõem uma comunidade de prática. Consoante Veloso (2014, p. 1744), em relação à terceira onda, visa-se: “observar, na prática linguística cotidiana, que variáveis assumem significados específicos, de acordo com o posicionamento de quem as usa nas diversas interações sociais nas

quais se envolve”. Diferentemente da primeira e segunda ondas, em que o escopo era analisar as grandes comunidades de fala e comunidades relativamente menores, a terceira onda visa analisar o falante em interação nas comunidades de prática.

A mudança principal da terceira onda foi a forma de enxergar a variação, pois antes, a variação era vista como um reflexo das identidades e categorias sociais e agora é vista como fruto da prática linguística na qual os falantes se colocam na paisagem social através da prática estilística, conforme ponderam Souza e Lopes (2020). Ou seja, as variáveis deixam de ser observadas como sendo específicas de um dado dialeto, e assumem significado na prática estilística. No âmbito da terceira onda, é relevante observar as práticas sociais dos falantes em suas comunidades de prática, pois nelas eles adequam a forma de falar, modificando o seu estilo⁵ de acordo com as variáveis que existem em determinada comunidade, construindo assim uma nova *persona*.

Por fim, ressaltamos que os xingamentos podem ser analisados no contexto das abordagens interacionista e variacionista, visto que o falante ao proferir palavras tem um contexto a ser avaliado, a exemplo do local que estão as pessoas que está conversando, bem como o foco principal é avaliar o processo de interação que está acontecendo.

No que se refere às comunidades de prática, pensamos na perspectiva dos torcedores-internautas do Twitter, posto que são pessoas que estão reunidas em prol de algo em comum: os times de futebol. Nesse âmbito, relacionamos essas comunidades com as comunidades virtuais (CV) propostas por Marcuschi. O autor indica que se trata de “pessoas com interesses comuns ou que agem com interesses comuns em um dado momento, formando uma rede de relações virtuais” (MARCUSCHI, 2005, p. 25). E, salienta que a comunidade é uma coleção de membros com relacionamentos interpessoais de confiança, e que essa noção que se tem de comunidade é muito próxima ao contexto de comunidade de prática, nas quais xingar pode ser uma ação de linguagem, positiva ou negativa.

⁵ Para Veloso (2014), o estilo é visto como uma prática, um ato de linguagem capaz de representar aquilo que somos, aquilo que não somos, aquilo que queremos ser;

2.1 Uma linguagem proibida: o uso de palavrões e palavras ofensivas

Culturalmente, já estamos habituados a escutar palavrões em ocasiões cotidianas. Preti (1984) discorre que o palavrão não é algo novo no comportamento linguístico humano. Por isso, Swingler (2016) apresenta autores que defendem o uso do palavrão, pois alega-se que apesar de para muitas pessoas ser um tabu social, afirmam que é através dos palavrões que os falantes demonstram uma intensidade maior para a fala que as palavras comuns não conseguem alcançar, a exemplo de serem uma forma de expressar sentimentos bons, de extrema felicidade, e em algumas ocasiões a fim de demonstrar raiva, tristeza e insatisfação.

Para tanto, consoante afirma Preti (2010), as palavras são um reflexo da vida social, e a fim de se manter a ética, proibem-se ou liberam-se o uso de determinadas palavras, julgando-as como “bons” ou “maus” termos, existindo as palavras que são adequadas ou inadequadas para determinado contexto sociocomunicativo. Nesse intento, surgem os tabus linguísticos, que são consequências do tabu social, que revela o agrupamento de uma linguagem proibida, definida por Preti como:

E, se é muito grande, de fato, a ligação entre léxico e costumes, muito maior se torna, quando se refere a certos vocabulários, como, por exemplo, aqueles que representam o ato sexual e as práticas eróticas, porque os juízos da sociedade sobre eles se transferem também para o léxico. Para nós, este passa a ser encarado como uma autêntica "linguagem proibida. (PRETI, 1984, p. 61)

Ainda que os palavrões sejam considerados tabus, algumas pessoas pronunciam esse discurso com mais frequência que outras e esse fator está ligado a condições como idade, sexo, crença religiosa etc. Da mesma forma que a existência dos palavrões é descoberta em casa, a censura também começa a partir da repreensão dos pais, bem como escolas e instituições religiosas podem reprimir que as crianças e jovens utilizem expressões consideradas tabus.

A desaprovação do palavrão acontece principalmente quando se vê crianças proferindo palavrões, e acaba se tornando obrigação dos educadores mostrarem que não se deve utilizar essa linguagem, pois ela é “proibida” e, conforme ressalta Swingler (2016, p. 30), “além da censura parental inicial, experimentada em casa, a ideia de tabu é mais reforçada quando instituições educacionais, religiosas e governamentais ensinam e impõem regras com a intenção de reprimir essa

chamada "doença social", algo que se reafirma desde que os falantes são crianças, a fim de mostrar que as palavras tabus não podem ser faladas.

A título de exemplo, comparemos adolescentes conversando em grupo sobre assuntos diversos versus um grupo de pessoas na igreja. Acerca desse exemplo, habitualmente, logo associamos que a utilização de palavrões e xingamentos é mais assídua entre o grupo de jovens, que, de acordo com a pesquisa de Zanello *et al.* (2011), os adolescentes de escolas públicas e particulares em Brasília proferem xingamentos relativos a comportamento sexual, atributos físicos, traços de caráter, e é um comportamento comum entre os jovens.

A partir desse contexto, outro critério observado em relação à utilização contínua de palavrões é o local que o enunciador e ouvinte se encontram, visto que existem situações que os palavrões são bem vistos e aceitos, por exemplo, em uma partida de futebol entre colegas, vídeos curtos de rede social, *chats online*, *WhatsApp*, dentre outros, pois são locais em que a utilização da linguagem considerada tabu é de comum utilização, de acordo com Preti (1984), o Brasil desmistificou o palavrão, pois cada vez mais vem ganhando divulgação, de acordo com as transformações sociais.

Nesse âmbito, vemos que alguns estudiosos defendem que o uso do palavrão pode ser bem visto a depender do contexto em que um diálogo está acontecendo, em contrapartida, existem os casos de pessoas que fazem o uso linguístico dos palavrões de forma frequente em seu dia a dia, mas que em alguns contextos precisam adequar sua linguagem a fim de serem bem aceitos, como é o caso de falantes que ajustam a sua linguagem excluindo o uso dos palavrões, de acordo com a aceitabilidade de determinado local ou interlocutores.

É importante salientar um levantamento de Preti (1984, p. 43), no qual ele indica que o palavrão pode ser visto como a linguagem dos sentimentos, e que em algumas situações deixa de se tornar uma injúria e passa a ser uma linguagem de conotação afetiva, uma vez que “virou moda em certos ambientes em que nunca fora admitido antes, graça na boca dos jovens, nos campos de esporte, onde mais livremente explodem as emoções populares”.

. Ainda sobre essa questão da aceitação, é relevante mencionar uma afirmação de Lima (2018, p. 97), em que podemos observar que o xingamento pode ser um aspecto da variação linguística:

[...] o uso que os falantes fazem de determinadas variedades, diante de determinadas situações, onde a tendência é usar o que é mais aceito em determinada comunidade linguística e rejeitar construções que são estigmatizadas por esta mesma comunidade.

Ou seja, os falantes tendem a utilizar determinadas variedades que são mais aceitas em uma comunidade linguística específica e, no caso dos palavrões, existem os contextos em que as comunidades linguísticas utilizam frequentemente, a exemplo de situações em que o uso de palavrões poderá promover harmonia e coesão social, como nos casos em que são usadas em piadas, sarcasmo, gírias, conversas de cunho sexual (JAY, 2009 *apud* SWINGLER, 2016).

Para Preti (1984, p. 40), a linguagem tida como obscena era mais associada à população da classe baixa, entretanto, observa-se que cada vez mais está se tornando uma linguagem usual, proferida por todas as classes, tendo em vista que para muitos é uma forma de demonstrar inconformismo com alguma situação, sendo assim, para o autor supracitado: “[...] servindo-lhe de compensação para as insatisfações, atuando como válvula de escape para sua revolta que, certamente, explodiria com muito mais intensidade e frequência não fora o desabafo das más palavras”. O autor evidencia que a classe social de uma determinada comunidade de fala não é uma variável que define quem utiliza mais palavrões, no entanto, o contexto e situação são considerados um elemento relevante.

Nesse intento, ressaltamos também o apontamento de Swingler (2016, p. 26) sobre no qual ele afirma que a visão que uma comunidade de fala específica tem sobre uma palavra é determinante para designar se ela é tabu ou não, bem como o uso frequente de determinado palavrão deixa de ser tabu quando todos estão fazendo o mesmo. Para o autor, as palavras tabus partem dos mesmos tópicos gerais, que seriam parte do corpo, práticas sexuais, fluidos corporais, etnias, minorias, doenças e morte.

Zanello *et al.* (2011) definem que o xingamento é realizado quando proferimos vocábulos específicos com a intenção de ofender outra pessoa, bem como os xingamentos apontam determinados lugares sociais que não devem ser ocupados pelos sujeitos, sendo assim torna-se uma poderosa arma de controle social. A autora indica, em *Xingamentos entre adolescentes em Brasília*, que os xingamentos referentes a comportamento sexual são considerados pela maioria dos informantes da pesquisa (68,58%) como os piores possíveis atribuídos às mulheres e, para a autora, “pode-se perceber que a ideia de atividade na sexualidade feminina é

apontada no xingamento como um lugar a não ser ocupado pelas meninas” (ZANELLO *et al.* 2011 p. 158). Esse fato pode ser compreendido visto que existe um tabu social em relação ao comportamento da mulher, pois está associado a valores patriarcais. Ademais, a autora também destaca que existem os xingamentos relativos a atributos físicos e intelectuais, traços de caráter, família, personalidade e outros.

Observamos que o palavrão é considerado um tabu social, pois a utilização dessas palavras está ligada a aspectos históricos e valores morais, conforme defende Preti (1984). No entanto, considerando a evolução da sociedade, os palavrões foram ganhando espaço nas mídias, e se tornando uma linguagem mais usual entre os falantes, de determinadas classes sociais, pois tornou-se uma espécie de linguagem dos sentimentos, visto que há uma inclinação sociocultural mediada pelo afeto. Já na perspectiva das palavras ofensivas, elas possuem um conceito divergente, para tanto, Swingler (2016, p. 61) indica que para uma palavra ser considerada ofensiva “[...] basta inseri-la em um contexto onde o seu uso indique uma intenção maliciosa, mesmo que ela não seja considerada um palavrão para a sociedade”.

Então, de modo geral, palavras ofensivas são proferidas quando há intenção de ofender alguém, nesse intento, salientamos o uso denotativo da palavra “macaco”, que pessoas preconceituosas fazem uso a fim de ofender pessoas negras, as comparando com um animal de origem primata. O termo macaco, quando é utilizado para designar o animal propriamente dito, não causa ofensa, mas no processo de comparar a pessoa negra ao animal torna-se ofensivo.

A partir da natureza deste trabalho, em que se objetiva avaliar as palavras ofensivas e palavrões no contexto futebolístico, destacamos o acontecimento em uma partida entre Grêmio e Santos, em que o então goleiro Mário Lúcio Duarte Costa, conhecido como Aranha, foi alvo de comentários racistas por parte da torcida adversária, vejamos a seguir:

Figura 1 - Notícia do Jornal Hoje sobre o caso de racismo



Fonte: G1: Jornal Hoje.

O caso teve repercussão nacional, visto que muitos são os casos de racismo no âmbito futebolístico. O preconceito velado surge quando o jogador faz uma partida ruim, ou quando joga no time adversário e faz com que a outra equipe tenha um desempenho ruim, como se jogar bem ou mal fosse justificativa para proferir ofensas ao outro. Para Santos (2016), o racismo é um fenômeno comportamental opressor e discriminante na sociedade, a autora afirma que “o racismo é entendido como representações hegemônicas da raça branca em detrimento da raça negra.” (SANTOS, 2016, p. 13), neste viés, Martins e Assunção (2019 *apud* Teixeira, 2016) destacam que o discurso racista é algo tão natural no Brasil que em algumas ocasiões a própria pessoa oprimida adota práticas opressoras e manifesta o preconceito como normal.

Destacamos também os casos de homofobia que são demasiadamente presentes no contexto do futebol, partindo do pressuposto que é um esporte que abrange predominantemente o público masculino, o futebol é um ambiente marcadamente machista e heteronormativo, principalmente no Brasil, a exemplo da cultura de não utilizar a camisa com o número 24, posto que é considerado como “número do *viado*”, remetendo ao número do animal veado no jogo do bicho⁶. Dessa

⁶ O Jogo do Bicho é uma bolsa ilegal de apostas, onde os números são representados por animais. “Apesar desse jogo estar prevista no art. 58 da Lei das Contravenções Penais como uma conduta ilegal, sujeito à multa e a pena restritiva de direito, sua prática vem crescendo exageradamente nos centros urbanos do país, como também em cidades médias e pequenas” (SOUSA, 2021, p. 161).

forma, os cânticos e ofensas homofóbicas são consideradas comuns nos estádios entre a torcida, assim como em comentários da torcida em redes sociais, conforme conclui Martins e Assunção (2019, p. 354)

No que tange ao futebol, pode-se afirmar que entre todas as manifestações de preconceito e discriminação tratadas aqui, a homofobia é a mais comum e a menos punida. No Brasil, gritos homofóbicos são considerados como parte do jogo, e a inserção e permanência de pessoas LGBT+ tanto nas arquibancadas quanto nos times profissionais ainda é um tabu.

Ademais, Bandeira e Seffner (2013) ressaltam que a homofobia aparece legitimada quando vinculada às práticas do torcer, e que o estádio de futebol é um contexto cultural específico que institucionaliza práticas, ensina, produz e representa masculinidades.

Posto isso, um caso de homofobia específico ganhou visibilidade nacional no Brasil, foi quando o árbitro de futebol Anderson Daronco interrompeu uma partida entre Vasco e São Paulo devido a cânticos homofóbicos proferidos pela torcida.

Figura 2 - Anderson Daronco interrompe partida entre Vasco x SPFC



Fonte: A soma de todos os afetos.

Sabe-se que o termo *viado* funciona como palavra ofensiva, no entanto, Swingler (2016) explica que a palavra *viado* passou por um processo de resignificação, visto que no contexto das práticas da comunidade LGBTQIA+, o que determina o grau de ofensividade varia de acordo com o contexto/situação, a exemplo de quando o termo é utilizado entre amigos em contexto informal, sem a intenção de ofender.

No entanto, não é o caso das pessoas que utilizam o xingamento com a intenção de agredir o outro atacando a sua sexualidade. E, conforme conclui o autor: “no que diz respeito ao grau de ofensividade dos palavrões são: a intenção do falante, a identidade dos interlocutores e intimidade entre eles, e o contexto (formal ou informal) em que eles são usados.” (SWINGLER, 2016, p 100). Logo, o uso linguístico não é neutro e serve aos contextos comunicativos, sendo atribuídos sentidos a partir do contexto situacional.

3 ANCORANDO AS ATITUDES LINGUÍSTICAS

Os estudos acerca das atitudes linguísticas estão se tornando cada vez mais relevantes, tendo em vista que são estudadas na intersecção de diferentes campos do saber, a exemplo da Psicologia Social, Sociologia da Linguagem, Linguística Antropológica, Comunicação, Análise do Discurso, não obstante, na Sociolinguística, conforme aponta Hora (2011). Ressaltamos aqui nomes como Göz Kaufmann e Wallace Lambert, importantes para o crescimento dos estudos dessa área.

No contexto teórico, o fenômeno das atitudes tem base nos estudos da Psicologia Social que, de acordo com Lane e Maurer (2006), o foco principal é estudar o comportamento de indivíduos a partir de como são influenciados socialmente. Para essa disciplina, as atitudes se revestem de significado social. Já no âmbito da Sociolinguística, o fator principal a ser avaliado é a maneira como os outros avaliam o uso linguístico, especialmente o que resulta de variação e/ou mudança, conseqüentemente, como avaliam a forma como os falantes se comunicam, assim, o recurso linguístico é avaliado em relação às diferentes particularidades que o compõe.

Por esse prisma, Silva e Gomes (2020) apontam que “as atitudes são tomadas como parâmetros explicativos de análise do comportamento linguístico vinculado a variantes específicas de uma variedade”. Para tanto, acrescentamos que o objetivo na disciplina da Sociolinguística é avaliar os processos de variações existentes.

Na direção dessas questões, a fim de situar conceitos das atitudes linguísticas, salientamos a definição de Lima (2018, p. 93):

As atitudes linguísticas são consideradas de vital importância para os falantes de determinada língua, uma vez que desempenham uma espécie de papel medidor – positivo ou negativo, em relação a determinadas produções do próprio falante ou mesmo de outros. Esse papel medidor pode ser capaz de revelar o grau de estigma que tal variedade sofre em determinada comunidade linguística, revelando, entre outros fatores, aspectos da identidade de um dado grupo social frente a uma dada variedade adotada.

A partir desse ponto de vista, entendemos que as atitudes linguísticas são importantes para avaliar o comportamento linguístico e social dos falantes, analisando variantes específicas que são utilizadas em um contexto comunicativo específico de comunidades de prática ou de fala. Não obstante, é julgada a maneira que nos comunicamos de acordo com estigmas presentes em comunidades linguísticas específicas.

Nesse intento, Hora (2011) aponta que existem as chamadas reações subjetivas, inerentes ao ser humano, que são justamente os julgamentos que fazemos de pessoas que não fazem parte do nosso convívio. Pode-se julgar a maneira de vestir, andar ou falar, bem como a forma que o outro fala, o tom de voz, a velocidade da entonação, etc. E, assim como existem os julgamentos positivos, que podem ser relacionados à boa entonação, dentre outros.

Na direção dessas questões, concordamos com Swingler (2016) ao passo que fazemos julgamentos e julgamos em relação à maneira de falar, bem como o conhecimento que temos sobre a linguagem pode contribuir com a forma que tratamos outras pessoas. É importante salientar que as atitudes linguísticas, positivas ou negativas, não podem ser enxergadas como algo ruim, pois são a partir dessas concepções que se tornam visíveis as peculiaridades dos seres humanos e, conforme aponta Lima (2018, p. 100), “o indivíduo faz uso das diversas possibilidades existentes nesse processo de linguagem e interação humana, para explicitar um julgamento, no qual se é possível deixar impressa a identidade do indivíduo, enquanto falante da língua”, por esse viés, o falante utiliza de diversos recursos linguísticos a fim de deixar sua identidade a mostra.

É perceptível que nos moldamos ao entorno das pessoas que convivemos, existe a influência dos familiares, em que enxergamos uma linguagem similar entre pais e filhos, tal como, muitas vezes, são adquiridos costumes dos amigos do trabalho ou ambientes religiosos. Essa plasticidade se dá pelo fato de o falante buscar ser mais bem aceito em determinado espaço, consoante uma definição de Kaufmann (2011, p. 122):

As atitudes são diretamente influenciadas por fatores ambientais excepcionalmente fatores como a família, o trabalho, a religião, amigos ou a educação, ao ponto de as pessoas tenderem a ajustar suas atitudes para se adequarem àquelas que são as predominantes nos grupos sociais a que se vinculam.

Nesse intento, para Lima (2018, p. 97), alguns falantes fazem uso de determinada variação linguística a fim de serem bem aceitos em uma sociedade, conforme alega a autora: “[...] o uso que os falantes fazem de determinadas variedades, diante de determinadas situações, onde a tendência é usar o que é mais aceito em determinada comunidade linguística e rejeitar construções que são estigmatizadas”. Logo, as atitudes linguísticas auxiliam na seleção dos itens que decidimos utilizar ou não.

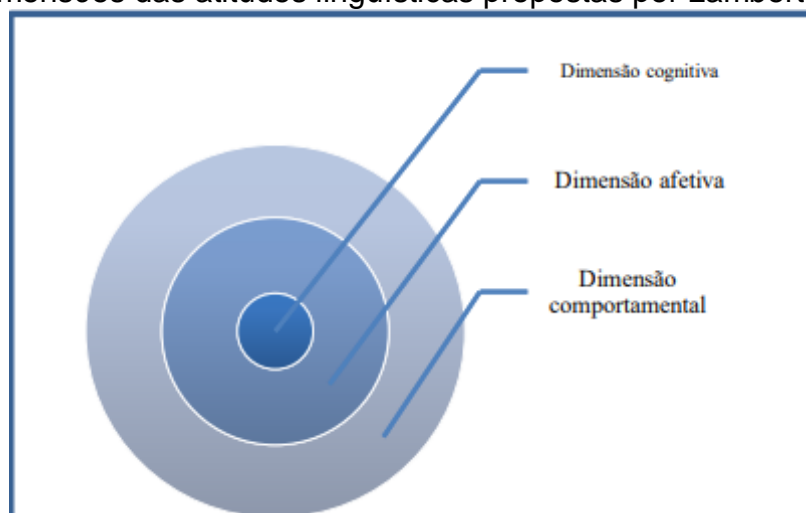
A exemplo disso, salientamos que também é possível decidir quais expressões serão utilizadas de acordo com a percepção que temos do interlocutor, no caso de o falante ter o conhecimento que o ouvinte se sente bem ou mal com determinada linguagem, conforme Swingler (2016, p. 37) aponta:

Em síntese, se sabemos que o nosso ouvinte costuma usar palavrões, podemos decidir usar esse tipo de linguagem a fim de convergirmos melhor com ele. Por outro lado, se acreditamos que o nosso ouvinte não se sente confortável ao ouvir palavrões, provavelmente evitaremos o seu uso.

Nessa perspectiva de conceitos, para Kaufmann (2011, p. 122) a atitude linguística “é um estado mental e neutral de prontidão, organizado através da experiência, exercendo uma influência diretiva ou dinâmica sobre a resposta de um indivíduo a todos os objetos e situações aos quais está relacionada”. À vista disso, o autor aponta que as atitudes linguísticas são as disposições mentais que estão fixadas na mente, que funcionaria como uma “resposta pronta”.

Silva e Gomes (2020) apresentam três dimensões das atitudes linguísticas, propostas por Wallace Lambert, vejamos a seguir:

Figura 3 - Dimensões das atitudes linguísticas propostas por Lambert (1967)



Fonte: Silva e Gomes (2020 *apud* LAMBERT, 1967)

Partindo do conhecimento que as atitudes linguísticas são um fenômeno tripartido, as dimensões são conceituadas como três níveis básicos de funcionamento, conforme demonstra o esquema acima. Inicialmente, temos a componente cognitiva, o elemento mais interior, que é o mais difícil de alcançar a percepção, ou seja, alcançar com que o falante revele atitude desse nível e, para os autores, “é neste nível que encontramos as formas mais primárias de valores e de

estereótipos de fala, visto que é neste nível que repousa toda uma consciência de valor atribuída à linguagem.” (SILVA E GOMES, 2020, p. 59); o **componente afetivo** é o segundo nível, que está correlacionado com o primeiro, para Silva e Gomes (2020, p. 59), “neste segundo nível encontram-se as atribuições de valor a partir das emoções que são atribuídas (in)conscientemente ao campo cognitivo”, dessa forma, ao escutar uma variedade linguística, alcança em sua memória certas afetividades, tanto positivas quanto negativas, logo faz-se julgamentos de valores, a exemplo quando se julga quem fala “correto”, “desagradável”, “rico”, “pobre”, “favelado”, dentre outros.

O último nível é o **comportamental**, que é definido como a avaliação linguística a partir das atividades de tarefa. Silva e Gomes (2020) ressaltam que o nível comportamental pode ser estudado a partir de uma abordagem direta e indireta. Na abordagem direta, o comportamento é visto como a materialização propriamente dita da fala, que seria a produção em si, na abordagem indireta o comportamento é a avaliação linguística através das atividades de tarefa forçada para obtenção dos dados em atitudes.

A partir dessa argumentação, para compreender melhor o campo das atitudes, são apresentadas duas concepções: a mentalista e a comportamentalista. Ambas definidas por Kaufmann (2011) e apresentadas por Lima (2018), em que a **concepção mentalista** entende as atitudes como um componente difícil, formado por elementos cognitivo e afetivo; já a **concepção comportamentalista** entende a atitude como um componente que se acha nas respostas das pessoas às situações sociais.

Kaufmann (2011) também apresenta comparações no que concerne à relação entre atitudes e comportamento, alegando que não faz sentido correlacionar atitudes gerais com um comportamento isolado. O autor aponta exemplos como de pessoas que têm atitudes preconceituosas e não gostam de negros, a exemplo de empresários, para tanto, visando a contratação como um ponto positivo que acarretará mais consequências positivas do que negativas, oferecem a oportunidade de emprego, conforme explicita:

Alegando uma inconsequência no comportamento de uma pessoa racista, que apesar do seu desgosto por negros dá emprego a pessoas desta cor, deixa traspasar o fato de que é possível ser racista e capitalista ao mesmo tempo. Como racista, não se gosta de pessoas fisicamente diferentes de si, mas, como capitalista, a mesma pessoa pertence maximizar o seu lucro.

Ou seja, observa-se que uma pessoa pode apresentar atitudes preconceituosas, no entanto, em alguns contextos, o seu comportamento divergir, conforme ressalta Kaufmann (2011, p. 124): “a força da relação entre atitudes linguísticas e suas manifestações é moderada por variáveis situacionais”.

Para tanto, segundo Lima (2018, p. 102), a linguagem “é um dos instrumentos mais fortes de identificação do falante, podemos afirmar que sujeitos sociais de comunidades diferenciadas estão passíveis a um reordenamento de trocas linguísticas”. Partindo dessa posição, os falantes estão suscetíveis a se reorganizarem no que concerne ao seu modo de falar, visto que os discursos são produzidos e moldados de acordo com a comunidade em que se está inserido no momento. Nessa direção, Swingler (2016) exprime que os estereótipos negativos podem resultar em uma estigmatização de alguns usos da linguagem, como é o caso, por exemplo, dos palavrões e das palavras ofensivas, pois não são recursos linguísticos bem aceitos em determinadas comunidades e contextos, mas em outras são convencionados como corriqueiros, como ocorre no âmbito futebolístico.

Em síntese, as atitudes linguísticas podem ser positivas ou negativas, uma vez que as atitudes linguísticas de um falante são consideradas um sentimento que o indivíduo expressa, através de pensamento e reação, em relação ao outro. De acordo com Lima (2018), é através da atitude que um falante expõe seus julgamentos avaliativos em relação a sua própria língua ou a de outra pessoa, e essas atitudes podem ser positivas ou negativas.

3.1 Percepção de variantes estigmatizadas

Partindo do pressuposto que a linguagem é uma característica única dos seres humanos, enquanto falantes, produzimos discursos que podem ou não agradar pessoas de uma comunidade de fala específica e, conforme aponta Corbari (2012), é através da língua que podemos nos moldar e ter a própria identidade social, assim como sustentar a vida social. A partir da natureza deste trabalho, tendo em vista que analisamos o contexto dos palavrões e palavras ofensivas, esta seção será voltada para as atitudes linguística especificamente no que concernem a esses fenômenos linguísticos.

A linguagem vista como negativa, a exemplo dos palavrões e palavras ofensivas, é identificada por estereótipos negativos, os estereótipos são definidos por (BEM, 1973 *apud* CORBARI, 2012, p. 117) como:

[...] crenças supergeneralizadas baseadas num conjunto muito limitado de experiências e, em princípio, têm uma função cognitiva importante, pois “todos nós nos baseamos até um certo ponto em estereótipos para ‘empacotar’ nossos mundos perceptual e conceptual.

Entendemos como estigma tudo aquilo que é visto como diferente do que as pessoas estão habituadas a lidar, o que pode se aplicar inclusive à linguagem. Posto isso, é válido questionar: o que é um estigma social? Conforme aponta Ronzani e Furtado (2010), o estigma social teve como marco teórico principal a obra de Erving Goffman (1922-1982) que define como “um sinal ou uma marca que designa o portador como “deteriorado” e, portanto, menos valorizado do que as pessoas “normais” (RONZANI E FURTADO, 2010, p. 327). Concordando com essa teoria, Morando *et al.* (2018, p. 25) afirmam que o estigma social se caracteriza pela desaprovação das particularidades e crenças pessoais que vão na contramão as normas culturais prevalentes em algum grupo social.

Na direção dessas questões, as atitudes linguísticas, positivas ou negativas, se distinguem a depender do contexto e das variantes utilizadas, ou seja, as impressões e os impactos causados são importantes para definir o que se torna negativo, nesse caso, recursos linguísticos que agridem ou ofendem os outros, tendem a serem palavras consideradas estigmatizadas – ou estigma linguístico –, no entanto, não deixam de ser utilizadas.

No escopo dessas ideias, temos a investigação de Swingler (2016). Para realizar a pesquisa, Swingler utilizou três métodos, são eles: questionário, observação não-participante e entrevista semiestruturada para então coletar dados de 29 estudantes a fim de alcançar o objetivo. O autor decidiu desenvolver o estudo posto que existe uma escassez, no Brasil, de pesquisas sociolinguísticas referentes a palavrões. Por fim, ele constatou que a noção do significado do termo palavrão varia de pessoa para pessoa, assim como o palavrão funciona de forma pragmática, e essa variação tem relação com os efeitos de sentido que os palavrões podem causar, seja positiva ou negativa, no entanto, as palavras ofensivas são utilizadas com o intuito de ofender. Swingler (2016) também identificou que o grau de ofensividade de uma

palavra é sujeito a opinião do informante, logo, as palavras ofensivas são menos utilizadas.

90% dos informantes da pesquisa consideraram que existe diferença entre palavra ofensiva e palavrão. Dessa forma, ressaltamos a resposta de um informante sobre a pergunta relacionada: "Um palavrão é qualquer palavra que expresse uma emoção a partir de um termo desaprovado socialmente. Uma palavra ofensiva tem objetivo de atingir alguém ou algum grupo". Mediante análise do autor, é possível compreender que as palavras ofensivas são proferidas de maneira específica, em determinado contexto e que o seu uso tem intenção real de agressão.

A partir disso, relacionam-se as atitudes linguísticas positivas ou negativas em estereótipos sociais, que condizem com crenças socioculturais que são atravessadas por gerações, segundo Swingler (2016). No que diz respeito aos palavrões, estes são associados aos estigmas negativos, uma vez que a utilização desse recurso linguístico está associada às crenças. Ou seja, uma comunidade específica pode enxergar o palavrão como feio ou errado devido às crenças nela existentes, e de acordo com Lima (2018, p. 97), "as crenças de uma determinada comunidade caracterizam-se como as verdades culturais dos componentes desta mesma comunidade".

Culturalmente, a sociedade é instruída que o ato de xingar é feio e errado, tornando-o um estigma, essa educação parte inicialmente dos pais, e progride com a intervenção do ambiente escolar e religioso, como já dito. Muitas crenças consideram os palavrões e as palavras ofensivas como itens que compõem uma linguagem obscena e, mesmo pessoas que costumam utilizar esses códigos linguísticos corriqueiramente, se policiam para não os proferir em alguns ambientes em que se sabem que os interlocutores não são assíduos do seu uso, consoante Swingler (2016, p. 37), entendemos que:

[...] os interlocutores tendem a ter um comportamento mais cuidadoso no que diz respeito ao uso desse tipo de linguajar em suas interações sociais. Reconhecemos, assim, que o que acreditamos saber sobre as atitudes do nosso ouvinte com relação ao uso de palavrões, influenciará sobremaneira a nossa decisão de usá-los (ou não) em nossas interações sociais.

Por esse prisma, é importante frisar que os falantes podem se posicionar e escolher uma variante mais adequada ao invés de outra em determinado contexto situacional e, segundo indica Lima (2018, p. 98), "[...] a atitude linguística do falante irá emergir, inevitavelmente, diante da situação de variação linguística, já que seu

discurso virá carregado de sua identidade, opinião e cultura”, uma vez que a identidade cultural é perceptível nos discursos de um falante.

Por fim, Lima (2018) afirma que as atitudes linguísticas de um sujeito surgem a partir de suas crenças, por essa razão, muito se associa o uso de xingamentos como algo negativo. Ademais, Kaufmann (2011) ressalta que o comportamento linguístico de uma pessoa não é influenciado apenas por atitudes individuais, mas por normas sociais.

4 TRAJETO METODOLÓGICO

A pesquisa do presente trabalho faz-se de uma metodologia, predominantemente, qualitativa de caráter interpretativista, visto que é o estudo de um fenômeno da realidade, conforme aponta Oliveira (2016, p. 60):

[...] um estudo detalhado de um determinado fato, objeto, grupo de pessoas ou ator social e fenômenos da realidade. Esse procedimento visa buscar informações fidedignas para se explicar em profundidade o significado e as características de cada contexto em que se encontra o objeto de pesquisa.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2008), uma vez que os fenômenos sociais estão inseridos em um contexto específico, lançamos um olhar interpretativista para identificar os significados que os sujeitos atribuem a ações na vida em sociedade, neste caso, na prática linguística.

Para realizar a coleta de dados dos informantes, escolhemos a plataforma *Twitter*. Como lá é possível buscar palavras e *hashtags* que alguém deseja encontrar, era possível filtrar a *hashtag* “eliminatórias da copa” e o palavrão “*porra*”, e logo apareciam todos os *tweets* que foram publicados com as palavras filtradas. Um parâmetro para abordar os participantes foram *tweets* recentes e perfis que são ativos e usados frequentemente, bem como torcedores que colocam na biografia que gostam de futebol e são torcedores assíduos. Para localizar *tweets*, utilizamos *hashtags* como *#eliminatóriasdacopa #futebol #brasilxargentina*, a fim de filtrar *tweets* relacionados ao tema.

Encaminhamos o questionário para pessoas dos sexos feminino e masculino, após identificar no perfil pessoal do *Twitter* que a pessoa costumava utilizar expressões de palavrões enquanto comentava sobre jogo de futebol. Depois da identificação, contatamos no privado a pessoa solicitando participasse de um questionário com fins para pesquisa de um trabalho de conclusão de curso (TCC). O questionário ficou disponível para participação entre 24/01/2022 e 07/02/2022.

O questionário foi realizado na plataforma *Forms do Google* (Apêndice A), incluímos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B) para que os informantes tivessem conhecimento do cunho daquele questionário, também lhes resguardando anonimato e segurança, conforme questões éticas que favorecem nosso estudo (PAIVA, 2019).

4.1 Perfil dos informantes

A maioria dos participantes (70%) está com idade média entre 24 e 29 anos, majoritariamente do sexo/gênero masculino, com apenas 10% da categoria feminino. Em relação ao local do país em que residem, duas regiões obtiveram maioria, alcançando 40% cada: Nordeste e Sul. E, sendo torcedores de diferentes times. Dito isso, o quadro abaixo organiza a apresentação dos participantes:

Quadro 1– Perfil dos informantes

Informante	Idade	Gênero	Região	Time
Informante 1	Entre 24-29 anos	Masculino	Sul	Internacional
Informante 2	Entre 24-29 anos	Masculino	Sul	Internacional
Informante 3	Entre 18-23 anos	Masculino	Nordeste	Palmeiras
Informante 4	Acima de 35 anos	Masculino	Sudeste	Flamengo
Informante 5	Entre 24-29 anos	Feminino	Sudeste	Santos
Informante 6	Entre 24-29 anos	Masculino	Nordeste	Náutico
Informante 7	Entre 24-29 anos	Masculino	Nordeste	Campinense
Informante 8	Entre 24-29 anos	Masculino	Sul	Vasco da Gama
Informante 9	Entre 24-29 anos	Masculino	Sul	Internacional
Informante 10	Entre 18-23 anos	Masculino	Nordeste	Flamengo

Fonte: Elaborado pela autora

4.2 Locus de coleta

A fim de abranger torcedores de diferentes regiões do país, escolhemos um jogo da Seleção Brasileira X Argentina para selecionar os *tweets* a serem analisados. A partida escolhida foi o jogo que ocorreu pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 2022, realizado em 16/11/2021. Tendo em vista que a partida ocorreu no país adversário, muitos torcedores da Seleção Brasileira comentaram sobre o confronto na rede social *Twitter*. Ressaltamos ainda que existe uma rivalidade entre as duas seleções, o que torna um jogo de proporção maior, visto que os torcedores comentam cada lance de forma mais fervorosa, considerando a rivalidade das seleções.

A rede social *Twitter* funciona como um *microblog*, no qual o usuário pode comentar diversos assuntos e se conectar com o mundo todo através das *hashtags*. Os posts tem um número de caracteres limites, o que não permite que os internautas postem textos longos.

Escolhemos a plataforma *Twitter* para realizar a análise da pesquisa em questão, visto que o *Twitter* é uma comunidade virtual e que torcedores passam a construir sua comunidade de prática. Assim como identificamos uma vasta quantidade de comentários, bem como os internautas se comunicam pelas hashtags em tempo real. Cada lance do jogo é comentado e discutido, e a partir disso, emerge o uso de palavrões e expressões ofensivas, apontando para uma prática de xingamento.

4.3 Instrumento de coleta

Dividimos o questionário em quatro seções: 1) efetuamos perguntas acerca do perfil do informante, em que perguntamos a idade, sexo/gênero, região onde mora e por fim o time que torce; 2) realizamos cinco perguntas objetivas, traçamos uma lista de itens linguísticos para que os participantes pudessem assinalar vários termos de acordo com uma pergunta: selecionar os termos que identificavam como usuais durante jogos de futebol, quais termos consideram ou não como ofensivo e/ou agressivo; 3) duas perguntas para assinalar “sim” ou “não” sobre o uso de algumas dos termos durante jogos de futebol e se acredita que exista diferença entre palavrões e palavras ofensivas e. 4) três perguntas discursivas: por qual razão que os torcedores xingam, se existe diferença entre palavra ofensiva e palavrão, e por último, se costuma xingar enquanto assiste jogos, caso positivo, justificar o motivo.

A elaboração do questionário teve como base as expressões que encontramos nas pesquisas de Queiroz (2005), Swingler (2016) e Souza-Silva, Dias e Bezerra (2021). Selecionamos dessas pesquisas dezesseis expressões que são comumente utilizadas em jogos de futebol por torcedores, a partir de nossa experiência também na prática desse contexto, a fim de mapear quais os palavrões que os torcedores costumam utilizar com mais frequência, bem como, os palavrões que são considerados mais ou menos ofensivos.

Para o capítulo 5, posteriormente, realizamos a análise das três partes da nossa pesquisa: análise dos *tweets* coletados, seguindo das análises das questões objetivas e subjetivas do questionário.

5 ANÁLISE DOS TWEETS: USO E ATITUDES LINGUÍSTICAS

O futebol é um esporte popular em todo o mundo, sobretudo no Brasil, onde é inclusive conhecido como o “país do futebol”. No país, também é cultura ter um time do coração, mesmo não sendo amante do esporte. Por esse viés, para Rodrigues (2013), o futebol é considerado uma amálgama social, pois possibilita relações entre diferentes camadas sociais.

No que concerne ao âmbito futebolístico, notamos que o uso de palavrões é recorrente entre os torcedores, visto que ao proferir esses termos é possível demonstrar os sentimentos em relação a um time ou uma partida. Nesta seção, analisamos os recursos linguísticos presentes em 8 *tweets* de torcedores que comentam partidas na plataforma em questão.

Após analisar o posicionamento de torcidas na rede social Twitter, salientamos que palavrões como, *filho da puta*, *caralho*, *viado*, *bicha* e *porra*, são utilizados de forma constante para expressar os sentimentos em relação ao que está acontecendo no jogo, assim como ofender algum jogador ou arbitragem.

De início, observamos diversos *tweets* postados simultaneamente⁷ relativos ao jogo de futebol entre Argentina x Brasil, pelas eliminatórias da copa do mundo 2022, que aconteceu em 16/11/2021. Dentre vários, selecionamos 6 *tweets* referentes ao jogo supracitado, e 2 foram relacionados a jogos aleatórios. O primeiro *tweet* selecionado foi o seguinte:

Figura 4 - Printscreen da postagem do item *filho da puta*.



Fonte: Coletado pela autora.

O torcedor demonstra sua insatisfação com a arbitragem através de palavrões, utilizando alguns como “*caralho*” “*vai tomar no cu*” e “*filho da puta*”. No caso do jogo

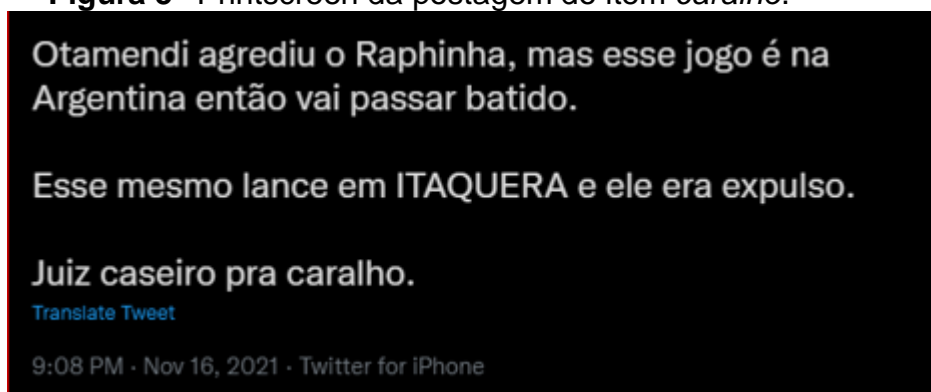
⁷ Salientamos que não é possível contabilizar o número de *Tweets*, visto que o *Twitter* é uma rede social que possibilita comentários do mundo todo, e as postagens por minuto são inúmeras. O parâmetro de escolha deu-se conforme o que indicamos na metodologia.

em questão, ocorreu um lance de agressão em que a arbitragem não teria punido o agressor da forma devida, o que ocasionou revolta por parte da torcida.

Sobre o uso linguístico, Cruz (2011) explica que a expressão *filho da puta*, no que concerne à agressividade, é o que ocupa o primeiro lugar, visto que é um palavrão que ofende a mãe da vítima, pois remete à vida sexual dela, conforme aponta a autora, o palavrão está relacionado: “[...] ao exercício que essa mãe faz de uma profissão ligada a uma atividade sexual pública. Crimes são cometidos por ofensas desse tipo, mais do que qualquer outro palavrão” (CRUZ, 2011, p. 81). Nesse sentido, os informantes da pesquisa de Swingler (2016) enxergam a palavra *puta* como uma das que são consideradas mais ofensivas, pois, para alguns dos informantes, pode ser utilizada num contexto de misoginia, bem como é considerado um exemplo concreto de palavrão, visto que o uso desse recurso linguístico é designado para atingir diretamente pessoas específicas. Portanto, “[...] para alguns indivíduos a função pragmática principal de um palavrão seria o de agredir a outrem” (SWINGLER, 2016, p. 56).

Referente à figura 5, o internauta utiliza o palavrão *caralho* apenas para insinuar que a atitude da arbitragem foi influenciada pelo local que a partida estava acontecendo.

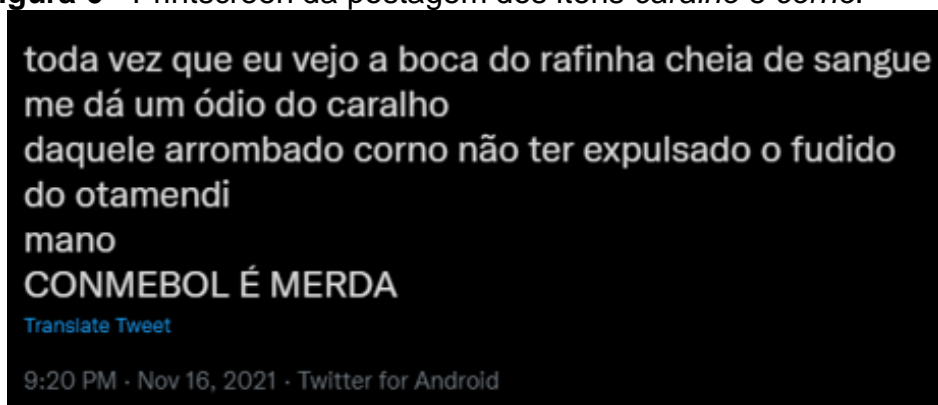
Figura 5 - Printscreen da postagem do item *caralho*.



Fonte: Coletado pela autora.

No tocante à figura 6, o recurso linguístico utilizado pelo internauta também é de frustração pelo que ocorreu em relação a não expulsão do jogador argentino.

Figura 6 - Printscreen da postagem dos itens *caralho* e *cornu*.



Fonte: Coletado pela autora.

Os *tweets* acima são relacionados ao mesmo lance que ocorreu na partida entre Argentina x Brasil, criticando a postura da arbitragem. O uso do recurso linguístico *caralho* se tornou usual entre os torcedores, funciona para exprimir emoções e sensações, assim como observamos, em alguns *tweets* uma agressividade maior, como é o caso da figura 4, em que o torcedor em questão utiliza os termos com maior intensidade para mostrar o sentimento de raiva devido a um lance específico da arbitragem.

Em relação ao contexto histórico, para Cruz (2011), o palavrão *caralho* possui semântica sexual e é sinônimo do órgão genital masculino, no entanto, na maioria dos casos é utilizado como interjeição, a fim de demonstrar admiração ou indignação, a exemplo de “*caralho, que maravilha esta paisagem*” ou “*não admito esta atitude, caralho*”. Em relação a origem da palavra, o autor explica:

Caralho é o nome que se dava nos antigos barcos a vela da época do descobrimento do Brasil àquele cesto (ou gávea), também chamado de vigia, colocado no alto de mastro principal da caravela, onde ficava o vigia, marinheiro que observava o horizonte para avistar terra, recifes, barcos inimigos e cardumes para a pesca, tendo uma visão privilegiada, pela altura em que ficava. Por isso, o marinheiro indicado para ficar no *caralho* era o rebelde, agressivo, que para lá subia como punição. Assim, “*ir para o caralho*” era muito ofensivo” (CRUZ, 2011, p. 80).

É válido salientar que a variação semântica do palavrão, por força pragmática, passou a um efeito discursivo que foi do mais concreto – que era a vela no barco – para o mais abstrato – que é o efeito de agressividade.

Ademais, ressaltamos que o palavrão exposto pode ser categorizado de formas distintas a depender do contexto situacional, conforme exemplifica Almeida (2021), quando uma criança pronuncia o palavrão *caralho*, um adulto pode repreendê-la

alegando que é uma “palavra feia”, pois, para o adulto, causa espanto uma criança fazer uso dessa expressão. No entanto, a autora ressalta que o mesmo adulto que reпреendeu a fala da criança utiliza do mesmo recurso linguístico, sem pudor, ao assistir uma partida de futebol, proferindo o termo a fim de demonstrar alegria com o gol do seu time, ou frustração por um lance do jogo. Nesse caso, o palavrão não causa forte impacto, assim como não é visto como um tabu, mas como interjeição. Portanto, de acordo com cada situação de fala, o palavrão é categorizado como agressivo/tabu ou mera interjeição. Por esse prisma, a autora afirma:

O estado de emoção e a interação sócio-histórica-cultural, no discurso, acionam, por meio da cognição, conhecimentos, crenças, armazenados nos frames de que as pessoas dispõem em suas mentes. Ao acionar partes desses saberes armazenados e ao inter-relacioná-los, através da cognição, a pessoa que usa o item léxico caralho atualiza seu sentido e produz usos de linguagem variados, o que possibilita que essa pessoa e organize o mundo de diferentes formas, tendo atitudes linguistas diversas; inclusive, em situações variadas, essa mesma pessoa poderá proceder a organizações distintas desse mesmo mundo, como demonstrado no exemplo do uso de caralho pela criança e pelo adulto, anteriormente aduzido (ALMEIDA, 2021, p. 156).

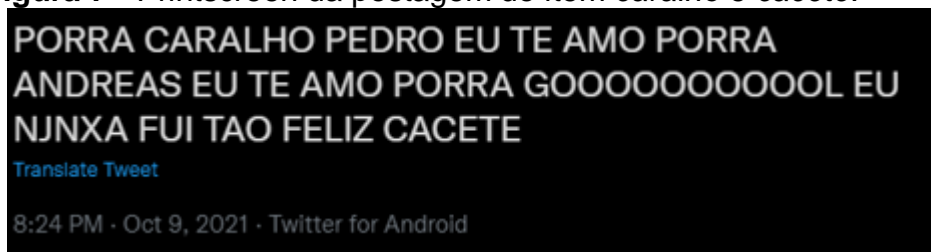
Nessa direção, salientamos o *tweet* da figura 7, em que o uso do termo *caralho*, o torcedor demonstra felicidade devido ao seu time ter marcado um gol, ou seja, esta é uma interjeição que demonstra admiração, conforme ressalta Cruz (2011), diferentemente dos *tweets* 4 e 6 em que percebemos uma interjeição de indignação.

Em relação à palavra *corno*, presente na figura 6, conforme Swingler (2016), os informantes consideram como um dos termos mais ofensivos, visto que é proferida a fim de agredir e causar ofensa, diferentemente de palavrões que são ditos para expressar emoções, como a palavra *caralho*. Em relação ao significado, Dal Corno (2010) explicita que é um insulto designado de forma pejorativa ao cônjuge enganado, mas dificilmente aplicáveis a mulheres. Ou seja, é uma forma de causar ofensa, partindo do pressuposto que está afirmando que o homem foi traído pela companheira, assim ferindo a “honra masculina” que é demasiadamente presente no contexto do futebol.

Referente ao termo *merda*, Swingler (2016) ressalta que é a palavra mais considerada pelos informantes como não sendo verdadeiramente um palavrão, pois pode significar apenas uma indignação, no entanto, exprime que embora não seja considerado palavrão para uns, pode ser para outros, conforme aponta em relação ao

uso do palavrão: “muda de pessoa para pessoa, até mesmo entre indivíduos da mesma comunidade de fala” (SWINGLER, 2016, p. 63). Sobre a palavra *cacete*, o autor mostra que alguns informantes também avaliam que não constitui palavrão, pois possui uma grande variedade de uso entre os falantes, e assim como *merda* não é considerado uma palavra ofensiva, embora saliente que depende do contexto em que foi utilizado.

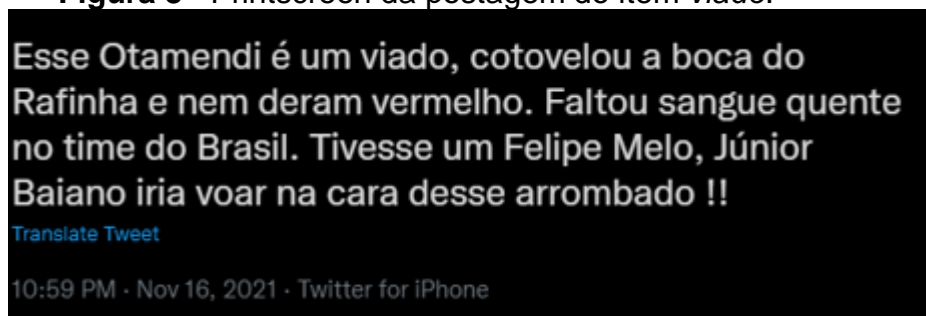
Figura 7 - Printscreen da postagem do item *caralho* e *cacete*.



Fonte: Coletado pela autora.

No que diz respeito ao termo *viado*, utiliza-se para agredir a orientação sexual do outro, o mesmo ocorre com a expressão *bicha*. No contexto do futebol, esses são vocábulos preconceituosos proferidos quando um jogador faz uma partida ruim, prejudica o time ou, a fim de ofender arbitragem. Conforme observamos na figura 8:

Figura 8 - Printscreen da postagem do item *viado*.



Fonte: Coletado pela autora.

No contexto da figura 8, o motivo da ofensa deu-se devido a um lance em que o jogador Otamendi, argentino, agrediu um jogador brasileiro, que pela regra deveria ser punido com um cartão vermelho. O torcedor ficou indignado com a agressão e chamou o jogador de *viado*, com intensão de ofendê-lo.

Figura 9 - Printscreen da postagem do item *bicha*.

Esse time do Marcilio...é um dos piores times que já vi..nos últimos 20 anos de Marcilio...O **Goleiro** é uma Mérda...os laterais são oriveis...meio campo não existe...e o ataque parece um ataque de **bicha**...enfim....não vão chegar em lugar nenhum...mais um ano jogado no lixo..

20:35 · 13/02/2022 · Twitter for Android

Fonte: Coletado pela autora.

Em relação à figura 9, o internauta utiliza o termo *bicha* para afirmar que os atacantes do time são fracos e incompetentes. Para os informantes da pesquisa de Swingler (2016), assim como *puta*, o termo *viado* também é considerado um palavrão concreto, pois ofende diretamente o outro, no entanto, para alguns informantes pode ser utilizado em um contexto positivo. Para tanto, também em relação ao item *viado*, Oliveira (2021) evidencia que, no Brasil, é um termo que tem carga pejorativa e preconceituosa com homens homossexuais, entretanto, dentro da comunidade LGBTQIA+ a palavra foi ressignificada, e no contexto da comunidade de prática específica, o termo pode-se comportar inclusive como uma gíria. Entretanto, não é a realidade do contexto futebolístico, tendo em vista que é um esporte predominantemente masculino, sendo marcado como heteronormativo.

Nesse sentido, Bandeira e Seffner (2013, p. 248) indicam que “[...] a masculinidade vivida nesse contexto específico possui algumas características particulares: ela é machista e homofóbica. Em muitos momentos, essa homofobia é naturalizada e manifestações dessa ordem não são entendidas como violentas”.

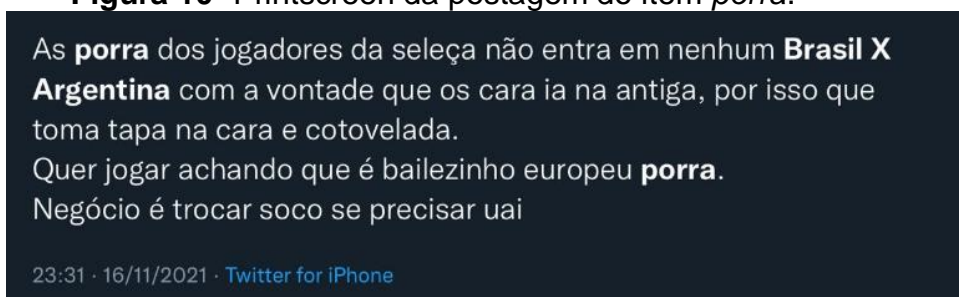
Portanto, as ofensas homofóbicas estão presentes entre as torcidas e, de acordo com Martins e Assunção (2019), o futebol torna-se, de certa forma, um opressor de minorias, visto que a comunidade LGBTQIA+ é alvo de diversos cânticos ofensivos, a fim de causar constrangimento à pessoa “ofendida”, visto que, na visão de pessoas preconceituosas, chamar o jogador do outro time de *viado*, é o mesmo que ofendê-lo, pois, futebol é coisa “de homem”, o que vai na contramão da *bicha*, que é uma figura vista como homem afeminado, frágil, associado também ao gênero feminino, o que não seria condizente com o ambiente do futebol. Por essa razão, parte das torcidas chamam os jogadores de *bichas* quando fazem uma partida ruim. Por isso, destacamos o apontamento de Preti (2010, p. 5):

A gíria e a linguagem obscena formam um mecanismo catártico que explode com intensidade nas grandes concentrações populares, como os jogos de futebol, em que a multidão, servindo-se do anonimato, irrompe em coros furiosos (Bicha! Bicha!, por exemplo, para qualquer indivíduo que lhe é contrário), de natureza injuriosa, como elemento compensatório para suas frustrações de torcedores esportivos, ofendendo juizes, jogadores e torcida adversária.

Diante do exposto, é válido ressaltarmos como o contexto machista acaba por ceifar a experiência plena da sexualidade, tendo em vista que os jogadores que se assumem homossexuais sofrem ofensas da torcida e muitas vezes tomam proporções gigantescas por parte da mídia. Camargo (2018, p. 14) afirma, sobre esse assunto que "o universo esportivo precisaria ser reinventado em relação às temáticas de gênero e sexualidade, e, além disso, tanto o futebol quanto outras modalidades não deveriam ser tomadas como monolítica e essencialmente heteronormativas."

Além disto, o uso do palavrão *porra* é muito corriqueiro no contexto futebolístico, os torcedores utilizam de forma pragmática em diversas situações, no entanto, diferentemente dos termos *viado* e *bicha*, pois, quando utilizado de maneira pragmática, não causa ofensa direta ao outro. Conforme explicita Swingler (2016), existem as expressões que deixam de serem consideradas palavrões quando o seu uso se torna comum dentro de uma comunidade, da mesma maneira que não causa ofensa, dessa forma, conforme aponta Allan e Burridge (2006 *apud* Swingler, 2016), quando se utiliza palavrões frequentemente, ele pode diminuir a capacidade de chocar. Observamos na figura 10, em que o torcedor utiliza o termo *porra* para evidenciar que a partida está em um nível abaixo do esperado além de não gostar da postura dos jogadores:

Figura 10- Printscreen da postagem do item *porra*.



Fonte: Coletado pela autora.

Em relação à figura 11, a utilização do termo *porra* refere-se à falta de lances emocionantes durante a partida, visto que é um clássico de rivais em que se espera, por grande parte do público, um jogo emocionante.

Figura 11 - Printscreen da postagem do item *porra*.



Fonte: Coletado pela autora.

Diferentemente dos palavrões *caralho*, *filho da puta* e *viado*, mostrados nas figuras 4, 6 e 8 observamos que o uso do palavrão *porra* não causa forte impacto nos *tweets*, nem é utilizado a fim ofender alguém em específico, é um termo proferido usualmente, de forma pragmática, como no caso das figuras 10 e 11. Nessa direção, de acordo com Sandmann (1992), existem os palavrões que não causam o mesmo grau de rejeição ou agressividade, como é o caso da palavra *porra*, visto que é proferida sem muita cerimônia diversas vezes por públicos distintos, não obstante, o autor intitula como “jogo de faz de conta” os palavrões que são escutados com frequência, pois ainda que proferidos, não têm um alto grau de ofensa.

Desse modo, frisamos que os usos desses recursos linguísticos são frequentemente mencionados por torcedores de times de futebol, visto que servem para descarregar emoções, sejam elas de alegria ou frustração. No entanto, cabe salientar que existem as palavras mais ofensivas, que são aquelas ditas a fim de agredir o outro, intencionalmente, utilizando de termos homofóbicos, por exemplo, que são demasiadamente recorrentes no contexto futebolístico.

Ademais, ressaltamos que foram identificadas siglas e abreviações dos palavrões, a exemplo de FDP (filho da puta) na figura 4, visto que o *Twitter* é uma rede social que limita a quantidade de caracteres por postagem, fazendo com que os internautas utilizem de recursos de abreviação. Nesse sentido, estudos sobre siglas associadas aos palavrões podem oportunos, possibilitando um estudo morfológico e lexical, em que itens como PQP (puta que pariu), TNC (tomar no cu), FDP, etc., podem ser analisados, inclusive, pela hipótese de se diminuir sua carga semântica.

5.1 Frequência de uso de xingamentos

Nesta seção, descrevemos os resultados apurados pelo questionário aplicado através do *Google Forms*, respondido por 10 torcedores-internautas do *Twitter*. O primeiro comando foi: *selecione os termos a seguir que você já identificou como usuais durante jogos de futebol, sejam em estádios ou assistindo em casa com amigos e familiares*. Em relação a isso, mostramos a seguir, na tabela 1, os termos considerados como mais usuais em jogos de futebol, de acordo com o que foi apontado pelos/as torcedores.

Tabela 1 - Termos identificados como usuais durante jogos de futebol

Termos identificados como usuais durante jogos de futebol		
TERMOS	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
<i>Filho da puta</i>	10	100%
<i>Caralho</i>	9	90%
<i>Porra</i>	9	90%
<i>Foda</i>	8	80%
<i>Corno</i>	6	60%
<i>Cacete</i>	6	60%
<i>Viado</i>	6	60%
<i>Pau no cu</i>	5	50%
<i>Bambi</i>	4	40%
<i>Bicha</i>	4	40%
<i>Fresco</i>	4	40%
<i>Merda</i>	4	40%
<i>Bosta</i>	4	40%
<i>Traveco</i>	1	10%
<i>Favelado</i>	1	10%
<i>Macaco</i>	0	0%

Fonte: Elaborada pela autora.

Ao analisar a tabela 1, observamos que alguns termos são identificados de forma mais recorrente que outros, como é o caso de: *filho da puta*, *caralho*, *porra*, *foda*, *corno*, *cacete* e *viado*, que ultrapassam 60% da frequência, sendo mais presentes que os demais itens da tabela. O termo *pau no cu* teve 50% de incidência, e *bambi*, *bicha*, *fresco*, *merda* e *bosta* alcançaram 40%. Desse modo, a frequência dos itens acima de 50% aponta para dois grupos possíveis: os termos que agridem diretamente, como é o caso de *filho da puta* *corno* e *viado*, e aqueles que funcionam de modo mais geral e expressam mais sentimento em relação ao contexto, que seriam *caralho*, *porra*, *foda* e *cacete*.

Para tanto, perguntamos em seguida quais dos termos os torcedores **consideravam como agressivos e/ou ofensivos** e quais **não consideravam como agressivos e/ou ofensivos**. Esses questionamentos foram pensados para analisar se os torcedores identificam como agressivos, no contexto futebolístico, itens linguísticos que eles mesmos consideram como frequentes durante jogos. Na tabela 2, evidenciamos quais foram os termos mais incidentes considerados agressivos, bem como, quais os torcedores NÃO consideram agressivos, vejamos a seguir:

Tabela 1 -Termos considerados ofensivos e não ofensivos

Consideram ofensivos			Não consideram ofensivos		
TERMOS	QUANT.	PORC.	TERMOS	QUANT.	PORC.
<i>Macaco</i>	9	90%	<i>Porra</i>	8	80%
<i>Bicha</i>	8	80%	<i>Caralho</i>	7	70%
<i>Viado</i>	8	80%	<i>Bosta</i>	6	60%
<i>Favelado</i>	8	80%	<i>Cacete</i>	6	60%
<i>Traveco</i>	7	70%	<i>Foda</i>	6	60%
<i>Bambi</i>	5	50%	<i>Merda</i>	6	60%
<i>Corno</i>	4	40%	<i>Fresco</i>	4	40%
<i>Fresco</i>	4	40%	<i>Corno</i>	3	30%
<i>Pau no cu</i>	4	40%	<i>Filho da puta</i>	3	30%
<i>Filho da puta</i>	4	40%	<i>Pau no cu</i>	3	30%
<i>Merda</i>	4	40%	<i>Viado</i>	1	10%
<i>Bosta</i>	3	30%	<i>Favelado</i>	1	10%
<i>Caralho</i>	2	20%	<i>Bambi</i>	0	0%
<i>Porra</i>	2	20%	<i>Bicha</i>	0	0%
<i>Foda</i>	2	20%	<i>Macaco</i>	0	0%
<i>Cacete</i>	2	20%	<i>Traveco</i>	0	0%

Fonte: Elaborada pela autora.

Segundo os dados da tabela 2, os termos *macaco*, *bicha*, *viado*, *favelado*, *traveco* e *bambi* foram considerados como mais ofensivos pelos informantes, alcançando mais de 50% de incidência. Já no que concerne aos termos *corno*, *fresco*, *pau no cu*, *filho da puta* e *merda*, *bosta*, *caralho*, *porra*, *foda* e *cacete* obtiveram porcentagem menor que 50%. Então, os itens linguísticos que se referem a um tratamento preconceituoso diante do interlocutor são reconhecidos como mais agressivos, servindo à ofensa. Entretanto, a peso distinto entre o que possa envolver raça e sexualidade, havendo maior restrição a atitudes racistas e menor a atitudes homofóbicas.

Assim, o termo *macaco* não foi assinalado por nenhum informante quando questionados sobre os termos identificados como mais usuais durante jogos de futebol, no entanto, foi considerado como mais ofensivo na tabela 2. Logo, ainda que não seja um palavrão, o termo tem conotação pejorativa com finalidade racista, bem como identificamos durante o episódio com o jogador Aranha em 2014, na partida entre Grêmio x Santos. Assim, Swingler (2016) ressalta que a palavra *macaco* se torna ofensiva quando é dita com intuito discriminatório, da mesma forma que *viado*.

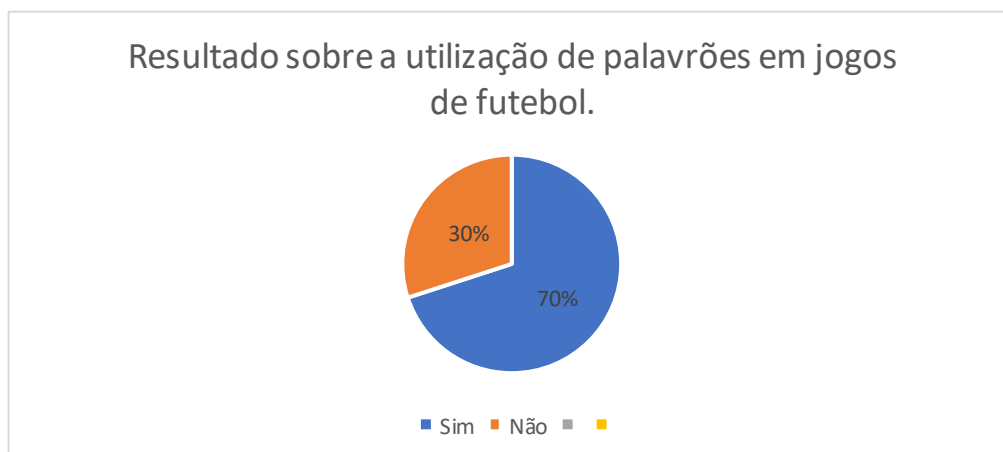
Em contrapartida, alguns termos considerados como usuais, conforme mostrado na tabela 1, a exemplo de *bambi*, *bicha* e *viado* também foram caracterizados pelos informantes como termos ofensivos, o que significa que os torcedores reconhecem que utilizam, no contexto do futebol, palavras consideradas ofensivas. Nota-se que entre os termos considerados como mais ofensivos, os que se referem a xingamentos homofóbicos são os mais presentes. A partir desses levantamentos, comparamos os termos homofóbicos *bicha* e *viado*, assim como em Souza-Silva *et al* (2021) que, no contexto escolar, identificaram que são utilizados de forma frequente, alcançando porcentagens de 74,1% e 66,7%, respectivamente. Ainda que o número de participantes seja maior, a incidência de uso se aproxima dos dados que coletamos. E, os autores acrescentam que os termos relacionados aos homens gays são mais presentes, sugerindo que as identidades sexuais masculinas parecem ser mais controladas no ambiente escolar.

Também é importante salientar que essas atitudes podem migrar do contexto escolar para o contexto futebolístico, tendo em vista que os torcedores fazem parte de comunidades de práticas diversas, logo, já foram ou ainda são estudantes, e também fazem parte da comunidade de torcedores de futebol. Ou seja, os comportamentos que habitam no contexto escolar, também podem ser comportamentos que habitam em outros contextos.

Por outro lado, existem as palavras consideradas menos ofensivas, como é o caso de *porra*, *caralho*, *bosta*, *cacete*, *foda* e *merda*. E, 60% dos informantes consideram que esses termos não são agressivos e/ou ofensivos, da mesma maneira que os informantes da pesquisa de Swingler (2016). Esse autor mostra que essas palavras, na maioria dos casos em que são utilizadas, possuem função de demonstrar descontentamento ou surpresa, assim como servem para enfatizar emoções, positivas ou negativas.

Ademais, para compreender melhor o resultado dessas respostas, realizamos duas perguntas adicionais, questionando se os informantes costumam utilizar essas expressões durante os jogos de futebol. A primeira pergunta adicional foi: *Você, enquanto torcedor, utiliza algumas dessas expressões durante jogos de futebol?*

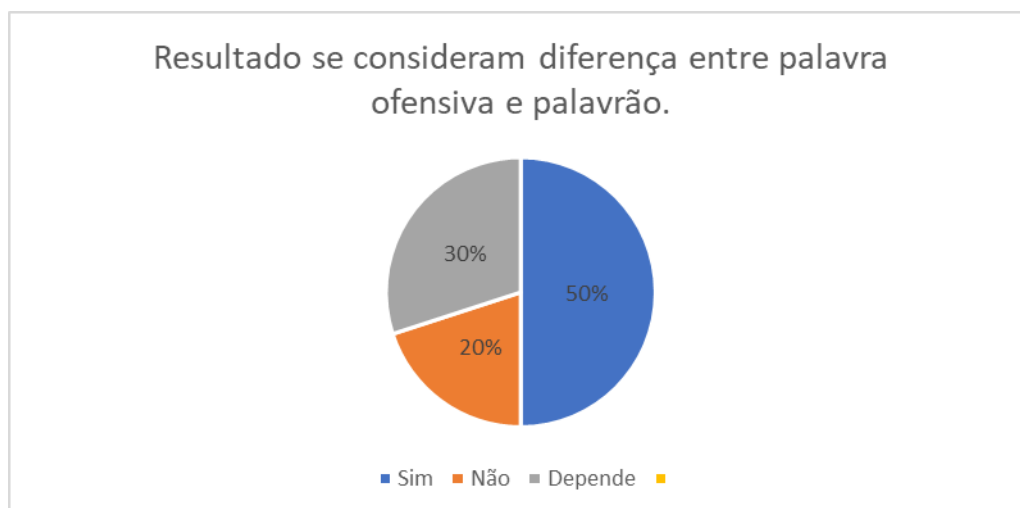
Gráfico 1 - Resultado sobre a utilização de palavrões em jogos de futebol.



Fonte: Elaborado pela autora.

Como podemos observar no gráfico 1, 70% (7/10), afirmaram que fazem uso de palavrões durante jogos de futebol. No que se refere à segunda pergunta: *Você acredita que existe diferença entre palavrões e palavras ofensivas?* 50% assinalaram a opção sim, 30% afirmaram que depende, por fim, 20% afirmaram que não existe diferença, conforme mostra o gráfico 2:

Gráfico 2 - Resultado se consideram diferença entre palavra ofensiva e palavrão.



Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com os resultados expostos, frisamos que a maioria concorda que existe diferença entre palavra ofensiva e palavrão, assim como na pesquisa de Swingler (2016), em que a incidência foi de 90%.

Logo, compreende-se que para uma palavra se tornar palavrão ou não, vai depender da desaprovação da sociedade para/com aquele termo, de acordo com o autor, assim como é notório que existem os palavrões que são mais utilizados, que são aqueles que caíram no uso popular e não causam ofensa no outro. Na seção a seguir, realizamos a análise das atitudes diretas.

5.2 Análise das atitudes dos internautas-torcedores

Nesta seção, o foco principal deu-se para análise das respostas referentes às três questões discursivas aplicadas no questionário, com o objetivo de identificar as justificativas dos informantes no que diz respeito a utilização dos palavrões, bem como avaliar como os torcedores diferem as palavras ofensivas dos palavrões. De início, questionamos o seguinte: *você acredita que os torcedores xingam (jogadores, técnicos, arbitragem, adversários) durante os jogos de futebol por qual motivo?* 9 dos 10 participantes optaram por responder.

Para tanto, 70% (7/10) dos informantes foram mais categóricos, apresentando respostas parecidas, alegando que o motivo para proferir os xingamentos é a raiva, frustração pelo desempenho do time, assim como, ressaltam que o calor do momento e a emoção são fatores importantes no que diz respeito ao ato do xingamento. Ou seja, os palavrões são descargas de sentimento, o que reforça a ideia de que a partir dos palavrões os falantes podem mostrar os seus sentimentos de forma mais expressiva, não obstante, é conhecida como a linguagem dos sentimentos, é o que afirma Preti (1984).

Para fins de análise, destacamos dois discursos, são eles:

Q-INF/1 - Resposta: “Internalizou-se no futebol uma cultura de que “tudo pode”, como se o esporte fosse uma realidade paralela onde não há consequências e onde a única intenção seja desestabilizar os adversários, quando na verdade, trata-se de uma extensão da sociedade. Esses hábitos precisam ser modificados, e tais mudanças não acontecerão da noite para o dia. Torcedores e torcedoras precisam priorizar o apoio ao time ao coração e o gosto por ver futebol.”

Q-INF/2 - Resposta: “Para intimidar e desestabilizar psicologicamente, como uma ferramenta para que eles joguem menos e o seu time ganhe o jogo e

também apenas como desabafo, às vezes sai naturalmente em momentos de raiva.”

A partir desses enunciados, constatamos que os informantes consideram que o motivo principal de os torcedores realizarem o ato do xingamento se dá para desestabilizar o adversário, mesmo que para isso utilizem de recursos linguísticos considerados ofensivos, visto que, para parte dos torcedores, no contexto do futebol é liberado utilizar todo tipo de linguagem, pois o contexto situacional permite.

Por conseguinte, ressaltamos que os palavrões fazem parte da cultura do futebol, onde os torcedores podem chamar palavrões sem que sejam mal vistos pelos outros da mesma comunidade de prática, visto que é uma situação comum entre eles. A partir dessas ponderações, frisamos uma pontuação de Jay (1999 *apud* Swingler 2016, p. 75):

Todas as pessoas adquirem a sua competência linguística e exibem um desempenho linguístico como resultado do seu desenvolvido psicológico dentro de um contexto sociocultural. Isso quer dizer que um uso adequado de palavrões é um resultado de nosso contato com as pessoas e a cultura em que somos criados.

Ademais, salientamos a resposta de um informante da pesquisa de Swingler (2016, p. 90, grifo do autor), quando indagado se sente-se confortável para falar palavrões em qualquer lugar, o entrevistado responde: “[...] assunto futebol, talvez... é... permita o uso de palavrão. Agora se eu tô apresentando um trabalho científico diante de uma banca ou diante de uma coisa... talvez esse contexto não seja construído”. Assim, entendemos que algumas pessoas podem falar palavrões apenas no ambiente futebolístico, levando em consideração que é um contexto que “permite” fazer uso desses termos, entretanto, entendem que em situações mais formais o palavrão pode gerar avaliações negativas, assim como não cabe em qualquer contexto. Assim, a resposta desse informante reforça a ideia de que existem ambientes mais propícios para falar palavrões, e que o futebolístico é um deles. Isso corrobora com a ideia de que os palavrões fazem parte do comportamento linguísticos dos falantes dessa comunidade de prática.

O que é válido pensar é que itens como: *porra* e *caralho* têm função expressamente de palavrão, visto que são mais usuais. No entanto, existem as palavras ofensivas, a exemplo de *viado* e *macaco* que merecem ser abandonados, uma vez que ser gay, por exemplo, não deve estar associado a algo ruim, falho ou mal feito.

No que se refere à segunda pergunta, questionamos o seguinte: *você acha que existe diferença entre palavra ofensiva e "palavrão"? Por qual motivo?* 9 dos 10 participantes optaram por responder, para tanto, 7 informantes concordaram que existe diferença, e 2 acham que não existe. Para a análise, destacamos duas respostas de maior intensidade, vejamos a seguir:

Q-INF/3 - Resposta: *“Sim. Palavrão vc não ofende ninguém, por exemplo "porra". Palavra ofensiva é chamar de macaco ou viado”.*

Q-INF/4 - Resposta: *Expressões como "foda", "caralho", "porra" e "cacete" se tornaram mais usuais e são aplicadas em contextos de revolta e até mesmo de comemoração, para além do futebol, sem a intenção de ofender ou atacar uma pessoa ou um grupo de pessoas. Exemplos: "A injustiça é foda", "Gooooool, porra!", "O título é nosso, cacete!", "Por que ele não tocou a bola, caralho?", etc. Contudo, existem expressões que apresentam caráter xenofóbico, racista, misógino, LGBTfóbico e capacitista e, portanto, devem ser combatidas. Exemplos: "Macaco", "Índio", "Bicha", "Viado", "Doente", etc.*

De acordo com o exposto, percebemos um consenso entre os informantes alegando que os palavrões são as expressões utilizadas de formas mais usuais, a exemplo de *“Gol, porra”*, conforme aponta (4), e não causam ofensa a ninguém. No tocante às palavras ofensivas, os informantes destacam que são aqueles termos que são proferidos a fim de causar ofensa no outro, utilizando de expressões preconceituosas e capacitistas. Ademais, 55% (5/9) dos informantes apresentaram respostas parecidas, concordam que existe diferença, justificando que o contexto entre palavra ofensiva e palavrão é diferente. Por fim, 22% (2/9) dos torcedores acreditam que não existe diferença, um informante justifica que ambas possuem o mesmo sentido, e o outro alega apenas que “não”, sem apresentar argumentos.

Feito isso, comparamos as respostas obtidas por Swingler (2016), em que os informantes concordam que os palavrões não causam ofensa. Para tanto, o autor ressalta que, de acordo com as respostas obtidas, os palavrões possuem duas características, são elas: nem sempre são ditos com o intuito de ofender, e possuem função pragmática.

No que concerne às palavras ofensivas, o autor define que o contexto em que ela é inserida torna-se crucial para indicar uma intenção maliciosa, independentemente de ser considerado um palavrão para a sociedade, o que define a ofensa é o seu contexto de uso.

Por fim, questionamos o seguinte: *você também costuma xingar quando assiste a jogos de futebol? Seja sua resposta "sim" ou "não" peço que justifique o*

motivo. Nessa questão, apenas 8 dos 10 informantes optaram por responder, e 87,5% das respostas (7/8) afirmaram que costumam xingar. Destacamos três respostas mais expressivas:

Q-INF/5 - Resposta: “Sim, na adrenalina durante os jogos *é bem difícil conter emoções*, mas ainda sim *me considero alguém moderada*.”

Q-INF/6 - Resposta: “Sim, pois *é minha forma de expressar meus sentimentos* no momento do jogo.”

Q-INF/7 - Resposta: “Sim, *faz parte xingar ali* entre os amigos e outros torcedores, xingar a torcida adversária, ou os árbitros e tal.”

A informante (5) trata-se de uma mulher, que afirma que se considera moderada ao proferir xingamentos, o que vai ao encontro com a argumentação de que as mulheres são avaliadas socialmente e culturalmente quanto ao uso dos palavrões e, conforme aponta Lakaoff (2010), os expletivos “mais fortes” são reservados aos homens e os “mais fracos” às mulheres. Inclusive, pesquisas sociolinguísticas mostram como mulheres tendem a um maior uso da norma padrão, frente às variantes não padrão, uma vez que se cobra da mulher um comportamento não só social, mas linguístico que corresponda a algo socialmente posto como moral, bom e bonito.

Em relação ao informante (6), observamos a expressão dos sentimentos, algo que condiz com a informante (5), mas o comportamento é diferente no contexto dos jogos, o que pode sugerir comportamentos distintos por força do sexo/gênero imbricado, mas somente as pesquisas com maior participação feminina poderão revelar isso. Em relação ao informante (7), notamos a utilização do advérbio “ali” que enuncia a ideia de lugar, enquanto torcedor, o informante guarda consciência disso e sabe que sua *persona* ali é uma e dos outros personagens também.

Destacamos que assim como pontuado nas respostas da questão 1, a emoção é um fator importante para que os torcedores realizem o ato do xingamento, pois durante os jogos de futebol os torcedores se comunicam com os jogadores e outros torcedores através das palavras e gestos⁸, e para demonstrar o que estão sentindo acabam utilizando esse recurso linguístico, no entanto, nem todos os termos utilizados são com a intenção de ofender, grande parte são apenas para designar os sentimentos que o esporte proporciona. Ademais, entende-se que é a partir do

⁸ Sugerimos que pesquisas sejam feitas considerando a multimodalidade frente ao uso do palavrão e do gesto obsceno, por exemplo, de modo simultâneo.

comportamento linguístico presente entre os torcedores que a prática do uso linguístico dos palavrões se torna uma identidade para o contexto futebolístico, pois percebe-se que é uma prática comum entre a maioria.

Assim como em Swingler (2016), observamos atitudes favoráveis ao uso de palavrões em relação aos informantes desta pesquisa, por força de fatores sociais que podem influenciar em tal uso. No contexto futebolístico, é frequente o uso linguístico de palavrões e palavras ofensivas, influenciando que outros torcedores tenham a mesma postura dentro da comunidade de prática futebolística.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, compreendemos que as palavras ofensivas e os palavrões são recursos linguísticos utilizados frequentemente por torcedores para demonstrar as emoções sentidas que são proporcionadas pelo esporte. Contudo, ressalva-se que existem os termos mais usuais, considerando que serão os palavrões e reconhecidos como itens que não causam ofensa ao outro. Entretanto, também se observa que as expressões preconceituosas, que atingem o público LGBTQIA+, são demasiadamente presentes no âmbito futebolístico, considerando que o público do futebol é em grande maioria masculino e heteronormativo.

Para alcançar o nosso objetivo, analisamos 8 *tweets* que contêm algum xingamento, assim como realizamos a análise de dados coletados via questionário com perguntas objetivas e discursivas a fim de identificar os termos mais usuais, assim como, mapear atitudes dos informantes sobre diferirem as palavras ofensivas dos palavrões, por exemplo.

Ademais, salientamos que a análise da presente pesquisa foi pertinente, visto que realizamos uma análise abordando os conceitos da Sociolinguística, explicando que esse campo de estudo é responsável por analisar o uso real da língua, avaliando que os aspectos sociais, como diferentes fatores sociais e situacionais são importantes para a compreensão de alguns fenômenos. Para tanto, abordamos as definições das atitudes linguísticas, apresentando que existem as atitudes positivas e negativas, considerando que as atitudes são importantes para avaliar o comportamento linguístico e social dos falantes, assim como existem as atitudes influenciadas por fatores contextuais, a exemplo de famílias ou a região em que o falante mora.

A teoria utilizada nesta pesquisa foi relevante, considerando que o objetivo principal de estudo se deu para análise das expressões e termos utilizados por torcedores concentrado na rede social *Twitter*. Dessa forma, analisamos os termos usuais, levando em consideração que os torcedores são uma comunidade de prática específica, fazendo relação com os estudos das atitudes linguísticas.

Ainda é oportuno indicar que uma pesquisa como essa pode ser mais refinada, tanto no que diz respeito à teoria, quanto no que se refere à metodologia. Logo, outras investigações podem se engendrar a partir do que observamos: a) coleta com internautas de outras redes sociais; b) análise de comentários em outras redes

sociais; c) análise de outras manifestações da linguagem, como o uso de cartazes em jogos etc. O desdobramento de pesquisas oportuniza análises diversas guiadas por um mesmo fenômeno da linguagem.

Por fim, esperamos que os resultados da pesquisa sejam proveitosos para outros pesquisadores que desejarem estudar o campo da Sociolinguística associado aos palavrões, identificando como os palavrões não são somente vistos como tabus e linguagem proibida, mas que em alguns contextos situacionais o seu uso pode ser bem visto.

REFERÊNCIAS

- A SOMA DE TODOS OS AFETOS. Disponível em: <https://www.asomadetodosafetos.com/2019/08/entrou-para-historia-jogo-de-futebol-e-interrompido-por-causa-de-gritos-homofobicos.html>. Acesso em 18/02/2022
- ALMEIDA, A. O que é caralho? É um palavrão? É uma parte do corpo humano? Estudo sociolinguístico-cognitivo sobre a variação categorial de um item léxico. **A Cor das Letras**, v. 22, n. Esp., p. 147-170, 2021.
- BANDEIRA, G. S. F. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, v. 14, n. 29, p. 246-270, 2013.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- CEZARIO, M. M.; V. S. Sociolinguística, In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 141-156.
- COELHO, I.Z. *et al.* **Sociolinguística**. Florianópolis: UFSC, 2012.
- CORBARI, C. C. Crenças e atitudes linguísticas de falantes de Irati (PR). **Signum: estudos da linguagem**, v. 15, n. 1, p. 111-127, 2012.
- DAL CORNO, G. O. M. De paus e pedras a palavras: breve investigação sobre o insulto como linguagem disfêmica. **Trama**, v. 6, n. 12, p. 39-50, 2010.
- G1 – Jornal Hoje. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2014/08/torcedores-do-gremio-chamam-goleiro-do-santos-de-macaco.html>. Acesso em 16/02/2022.
- HORA, D. **Variação dialetal e atitude**. In: HORA, Dermerval da; NEGRÃO, E. V. (org.). **Estudos da Linguagem: casamento entre temas e perspectivas**. João Pessoa: Ideia, 2011. p. 15-36.
- KAUFMANN, G. Atitudes na sociolinguística: aspectos teóricos e metodológicos. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 121-137.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LAKOFF, R. Linguagem e lugar da mulher. In: OSTERMANN, A. Cristina; FONTANA, Beatriz. **Linguagem, Gênero e Sexualidade: clássicos traduzidos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 13-30.
- LANE, S. T. M. **O que é psicologia social**. Brasiliense, 2017.

LEITE, J. E. R. **Sociolinguística Interacional e a variabilidade cultural da sala de aula**. v. 7. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

LIMA, L. A. S. de. Atitudes linguísticas: discussão acerca da língua como representação da identidade cultural do falante. In: LINS, J. N.; LOPES, P. A. D.; OLIVEIRA, A. F. F. de (org.). **Linguagem e uso sociais**: práticas linguísticas, literárias e discursivas. João Pessoa: Ideia, 2018, p. 93-108.

MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A.C. Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido. In: **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. Rio de Janeiro, 3 ed. 2010, p. 13-67.

MARTINS, D. N.; DE ASSUNÇÃO, M M S. Bichas, macacos, Marias: narrativas de opressão, invisibilidade, preconceito e resistência no futebol. **Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 4, n. 7, p. 342-364, 2019.

MORANDO, E. M. G. *et al.* **O conceito de estigma de Goffman aplicado à velhice**. 2018.

CONSCIÊNCIA: A VIRTUALIZAÇÃO DO ENSINO, RESSIGNIFICANDO A APRENDIZAGEM, 2021, Universidade, EaD e Software Livre. **O TERMO 'VEADO/VIADO' EM DUAS COMUNIDADES LINGUÍSTICAS: DIFERENTES SENSações DE SENTIDO NA PERSPECTIVA DA TEORIA QUEER E DA SEMÂNTICA CULTURAL [...]**. [S. l.: s. n.], 2021. 6p. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueadsl/article/view/18144/1125613935#>. Acesso em: 24 fev. 2022.

PRETI, D. **A gíria e outros temas**. São Paulo: T. A. QUEIROZ, 1984.

PRETI, D. A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica: Baseado no Dicionário moderno de Bock, de 1903. In: **Estudos brasileiros**. São Paulo: T. A. QUEIROZ, 2010. p. 79-146.

QUEIROZ, J. M. **Vocabulário do futebol na mídia impressa**: o glossário da bola. 2005. 948f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis.

RODRIGUES, G. **A linguagem do futebol no ensino do português**. 2013. Disponível em: <<http://simelp.fflch.usp.br/sites/simelp.fflch.usp.br/files/inline-files/S1505.pdf>>. Acesso em: 24 de outubro de 2021.

RONZANI, T. M.; FURTADO, E F. Estigma social sobre o uso de álcool. **Jornal brasileiro de psiquiatria**, v. 59, n. 4, p. 326-332, 2010.

ROSELLI-CRUZ, A. Homossexualidade, homofobia e a agressividade do palavrão: Seu uso na educação sexual escolar. **Educar em revista**, n. 39, p. 73-85, 2011.

SANDMANN, A. J. O palavrão: formas de abrandamento. **Revista Letras**, v. 42, 1993.

SANTOS, D.A. "**#Somos todos macacos**". **O preconceito racial no futebol: Discurso e memória**. 83f. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

SILVA, M. R.; GOMES, A. A. de A. O papel das atitudes linguísticas nos estudos variacionistas e de contato dialetal no PB. **Cuadernos de la ALFAL**, v. 12, p. 53-70, 2020.

SOUZA-SILVA, A L.; DIAS, T. S. R.; BEZERRA, F. A. S. Linguagem, gênero e sexualidade na educação de jovens e adultos: uma proposta de multiletramentos críticos. **Revista do GELNE**, v. 23, n. 1, p. 99-117, 2021.

SOUZA, C. C. B. N.; SILVA L. N. 17. Comunidade de prática, indexicalidade e estilo: subsídios teórico-metodológicos para uma pesquisa sociolinguística de terceira onda. **Revista Philologus**, v. 26, n. 76 Supl., p. 212-222, 2020.

SWINGLER, D. D. **Tabu linguístico**: mapeamento das atitudes relacionadas a palavrões e à influência que os fatores sociais, conversacionais, emocionais e de identidade exercem no seu uso cotidiano. 165f. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

VELOSO, R. As três ondas da sociolinguística e um estudo em comunidades de práticas. In: **XVII Congresso Internacional Associação De Linguística E Filologia Da América Latina (ALFAL)**, 2014, João Pessoa.

ZANELLO, V; BUKOWITZ, B; COELHO, E. Xingamentos entre adolescentes em Brasília: linguagem, gênero e poder. **Revista Interações**, Lisboa, v. 7, n. 17, p. 151-169, 2011.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO GOOGLE FORMS

11/03/2022 21:03

Variação linguística em contexto futebolístico: a atitude linguística de internautas do Twitter sobre xingamentos

Variação linguística em contexto futebolístico: a atitude linguística de internautas do Twitter sobre xingamentos TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

A seguir, você irá assinalar o item "sim", autorizando a sua participação voluntária na pesquisa intitulada "Variação linguística em contexto futebolístico: a atitude linguística de internautas do Twitter sobre xingamentos", desenvolvida pela aluna Raissa Maria Pereira de Sousa como pesquisa de conclusão de curso (TCC) pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), sob orientação do Prof. Esp. André Luiz Souza da Silva.

Dito isso, estás ciente de que os procedimentos (formulários, questionários e/ou entrevistas) não terão custos e desconfortos para você, também não tendo riscos envolvidos. Assim, você autoriza os responsáveis pela pesquisa a conservar, sob sua guarda, os resultados da pesquisa, assim como a utilizar estas informações sobre o participante em reuniões, congressos e publicações científicas, uma vez que sua identidade estará mantida em sigilo.

Também está ciente que terá direito a respostas de quaisquer dúvidas que possam surgir durante a sua participação na pesquisa. Em hipótese alguma, você será identificado e poderá retirar este consentimento em qualquer momento da investigação, sem qualquer penalização.

Este termo de consentimento lhe foi apresentado, entendendo que seu conteúdo foi compreendido.

CAMPINA GRANDE - PB, Janeiro de 2022.

Raissa Maria Pereira de Sousa, residente na Rua Geógrafo M Almeida dos Santos, 433, Campina Grande/PB. (83) 21480603.

*Obrigatório

1. E-mail *

2. Você concorda em colaborar com a pesquisa? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

11/03/2022 21:03

Variação linguística em contexto futebolístico: a atitude linguística de internautas do Twitter sobre xingamentos

PERFIL DOS/AS
INFORMANTES

Abaixo, você irá responder a uma sequência de perguntas que nos possibilitaram traçar um perfil geral sobre os/as informantes da pesquisa

3. Selecione a opção que indique sua idade⁴ *

Marcar apenas uma oval.

- Entre 18-23 anos
- Entre 24-29 anos
- Entre 30-35 anos
- Acima de 35 anos

4. Sexo/Gênero *

Marcar apenas uma oval.

- Masculino
- Feminino
- Outro

5. Qual região do país você reside? *

Marcar apenas uma oval.

- Norte
- Nordeste
- Centro-Oeste
- Sudeste
- Sul

6. Para qual time você torce? *

11/03/2022 21:03

Variação linguística em contexto futebolístico: a atitude linguística de internautas do Twitter sobre xingamentos

PERGUNTAS
OBJETIVAS

Abaixo, você irá ter acesso a uma sequência de perguntas sobre o uso de xingamentos em contexto de jogos de futebol

7. Selecione os termos a seguir que você já identificou como usuais durante jogos de futebol, sejam em estádios ou assistindo em casa com amigos e familiares: *

Marque todas que se aplicam.

- Caralho
- Porra
- Corno
- Foda
- Cacete
- Fresco
- Macaco
- Bambi
- Traveco
- Pau no cu
- Filho da puta
- Favelado
- Merda
- Bosta
- Viado
- Bicha

11/03/2022 21:03

Variação linguística em contexto futebolístico: a atitude linguística de internautas do Twitter sobre xingamentos

8. Quais dos termos abaixo você considera que são agressivos e/ou ofensivos? *

Marque todas que se aplicam.

- Caralho
- Porra
- Corno
- Foda
- Cacete
- Fresco
- Macaco
- Bambi
- Traveco
- Pau no cu
- Filho da puta
- Favelado
- Merda
- Bosta
- Viado
- Bicha

9. Quais dos termos você considera que NÃO são agressivos e/ou ofensivos? *

Marque todas que se aplicam.

- Caralho
- Porra
- Corno
- Foda
- Cacete
- Fresco
- Macaco
- Bambi
- Traveco
- Pau no cu
- Filho da puta
- Favelado
- Merda
- Bosta
- Viado
- Bicha

11/03/2022 21:03

Variação linguística em contexto futebolístico: a atitude linguística de internautas do Twitter sobre xingamentos

10. Você, enquanto torcedor, utiliza algumas dessas expressões durante jogos de futebol?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

11. Você acredita que existe diferença entre palavrões e palavras ofensivas?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

Depende

PERGUNTAS
DISCURSIVAS

Abaixo serão feitas perguntas para as quais suas respostas precisarão ser em forma de texto. Sinta-se à vontade para responder.

12. Você acredita que os torcedores xingam (jogadores, técnicos, arbitragem, adversários) durante os jogos de futebol por qual motivo?

13. Você acha que existe diferença entre palavra ofensiva e "palavrão"? Por qual motivo?

11/03/2022 21:03

Variação linguística em contexto futebolístico: a atitude linguística de internautas do Twitter sobre xingamentos

14. Você também costuma xingar quando assiste a jogos de futebol? Seja sua resposta "sim" ou "não" peço que justifique o motivo.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

A seguir, você irá assinalar o item "sim", autorizando a sua participação voluntária na pesquisa intitulada "Variação linguística em contexto futebolístico: a atitude linguística de internautas do Twitter sobre xingamentos", desenvolvida pela aluna Raissa Maria Pereira de Sousa como pesquisa de conclusão de curso (TCC) pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), sob orientação do Prof. Esp. André Luiz Souza da Silva.

Dito isso, estás ciente de que os procedimentos (formulários, questionários e/ou entrevistas) não terão custos e desconfortos para você, também não tendo riscos envolvidos. Assim, você autoriza os responsáveis pela pesquisa a conservar, sob sua guarda, os resultados da pesquisa, assim como a utilizar estas informações sobre o participante em reuniões, congressos e publicações científicas, uma vez que sua identidade estará mantida em sigilo.

Também está ciente que terá direito a respostas de quaisquer dúvidas que possam surgir durante a sua participação na pesquisa. Em hipótese alguma, você será identificado e poderá retirar este consentimento em qualquer momento da investigação, sem qualquer penalização.

Este termo de consentimento lhe foi apresentado, entendendo que seu conteúdo foi compreendido.

CAMPINA GRANDE - PB, Janeiro de 2022.

Raissa Maria Pereira de Sousa, residente na Rua Geógrafo M Almeida dos Santos, 433, Campina Grande/PB.
(83) 21480603.
